



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

JORIA ANE LIMA BATISTA ALMEIDA

AFROJIN: RACIALIDADE E AFROSSABERES NA ESCOLA.

FORTALEZA

2024

JORIA ANE LIMA BATISTA ALMEIDA

AFROJIN: RACIALIDADE E AFROSSABERES NA ESCOLA.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Sociologia. Área de Concentração: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Monalisa Soares Lopes

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A448a Almeida, Joria Ane Lima Batista.
Afrojin: Racialidade e Afrossaberes na Escola. / Joria Ane Lima Batista Almeida. – 2024.
95 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Monalisa Soares Lopes.
1. Afrojin. 2. Intervenção Pedagógica; . 3. Racialidade; . 4. Afrossaberes.. I. Título.
CDD 301
-

JORIA ANE LIMA BATISTA ALMEIDA

AFROJIN: RACIALIDADE E AFROSSABERES NA ESCOLA.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Sociologia. Área de Concentração: Práticas de Ensino e Conteúdos Curriculares.

Orientadora: Prof^a. Dra. Monalisa Soares Lopes

Aprovado em: 24 de Maio de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Monalisa Soares Lopes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Jeronimo Correia Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Marcia Paula Chaves Vieira
Unichristus

AGRADECIMENTOS

Por muitos anos escolares enquanto estive como docente percebia a Academia cada vez mais distante de mim. Uma jovem que aos 22 anos entrava pela primeira vez em uma sala de aula cheia de sonhos e encantada com a possibilidade de exercitar o pensar sociologicamente dos estudantes não vislumbrava pós-graduações como meta. A escola sempre foi um espaço onde eu exercia minha criatividade porém também espaço me sentia sobrecarregada por demandas didáticas, disciplinares e burocráticas. Faltava-me tempo e disposição para cursos de longa duração. Meu maior sonho sempre foi o concurso público estadual para professor talvez porque sempre gostei de estar em sala de aula, por ser uma entusiasta da docência no Ensino Médio. Questão esta ligada a necessidade material. O sustento de minha família (mãe, tio e eu) vinha dos contratos temporários como professora de Sociologia na Educação Básica.

Obstinada em passar em um concurso público tentei dois certames estaduais sem êxito muitas vezes exaurida por ter que dividir as funções de professora e de estudante em cursinhos preparatórios. Nestes momentos de tentativa de concurso, de motivação familiar e de estímulo para persistir diante das dificuldades socioeconômicas vivenciadas agradeço a minha mãe, a pessoa que me possibilitou estar na Universidade Pública e que sempre me apoiou nos momentos de estudo a partir principalmente das suas palavras e ações de acolhimento. Fomos sempre nós duas no mundo. Hoje em memória a trago comigo em todas as conquistas. Como mãe solo, abandonada pelo progenitor de sua filha ela se agarrou a mim e por muitas vezes se sacrificou para que eu conseguisse estudar em uma escola pública e não trabalhasse precocemente. Minha mãe é o reflexo de um país estruturalmente machista onde muitas mães precisam lidar com diversos papéis criando seus filhos na solidão e com condições financeiras escassas. Eu estou aqui por ela e para ela também. A sua voz ecoa em mim parafraseando Conceição Evaristo.

Agradeço a força que emana em mim vinda de minha mãe. Esta mesma força me fez enfrentar uma depressão pós-parto e buscar preparação para o concurso que se avizinhava. A partir da aprovação novos ares surgiram em minha vida, especialmente o ProfSocio. Enquanto aguardava a posse vi o mestrado como um bálsamo diante da vida tão carregada de funções (mãe, esposa, dona de casa, professora). Estar de volta à Universidade foi/é uma grande vitória para mim. Neste percurso agradeço ao meu filho lindo, alegre, amável e que é responsável por parte da esperança que carrego na mente quanto a minha existência. João Guilherme esteve comigo desde as fases preparatórias do ProfSocio até as aulas remotas,

trabalhos, provas. Em muitas aulas ele apareceu na câmera querendo saber com quem mamãe conversava tanto. Alguns professores e toda a turma o conheceram. Só faltou a ele conhecer o Campus de Humanidades.

Ressalto a admiração que já tinha pela professora Doutora Monalisa Soares atualmente minha orientadora. Agradeço a ela todos os ensinamentos na única disciplina presencial que tivemos. Amplio o agradecimento no sentido de que como orientadora a mesma sempre foi compreensiva diante das dificuldades emocionais que venho enfrentando desde 2022.

No senso comum diz-se que nas dificuldades conhecemos verdadeiramente as pessoas que estão ao nosso lado. Subjetivamente entendo perfeitamente tal colocação. Agradeço aos que, mesmo sem laços sanguíneos, estiveram/estão ao meu lado nas licenças médicas, nas crises, internações por tentativas de aliviar o sofrimento psíquico e nas tentativas incansáveis para que eu me recupere e termine o mestrado. Estas pessoas são Eliene Andressa dos Santos Araujo, minha companheira, amiga e Quitéria Paiva Benvindo, minha tia de coração.

Com Eliene Andressa aprendo diariamente que ainda tenho muito a viver, que a tristeza não é eterna e que não podemos deixar que os outros decidam ou paralisem nossas vidas.

Agradeço a psicóloga Mariana Martins, profissional que me acompanhou e que me instigou semanalmente com reflexões existenciais importantes e que possibilitaram inclusive que eu conseguisse reler o texto de qualificação, algo que eu tinha relacionado a um episódio traumático.

Agradeço a rede ProfSocio na figura de todos os professores que lecionaram disciplinas em nossa turma e funcionários na figura da secretária Genílria. Não há como esquecer o que vivenciamos com professores tão preparados e sensibilizadores. Vocês me motivam a permanecer buscando um lugar na Academia agora no Doutorado. Espero que após o estágio probatório eu possa voltar como doutoranda.

Por fim sou muito grata à minha turma pela partilha de conhecimentos e pelos laços criados durante o percurso. Há pessoas especiais que sempre estiveram presentes durante o processo. São elas: Karla Luana, Márcia Gabriele, Paula Herandy. Beatriz Forte. À estas mulheres incríveis meu reconhecimento e agradecimento.

“Para qual sonho você educa?”

(PINHEIRO, 2023, p. 105)

RESUMO

A finalidade desse estudo foi compreender e valorizar as contribuições dadas pela Sociologia às relações étnico-raciais, africanidades e autoidentificação racial dos jovens estudantes a partir de intervenções pedagógicas em uma escola da rede pública e profissional do Estado do Ceará. A partir dos debates realizados na escola sobre os conceitos de discriminação, preconceito, segregação, racismo, antirracismo, etnia e multiculturalismo várias inquietações foram mobilizadas pelos estudantes. Percebi além das dúvidas, a dificuldade em expressar as pertencas raciais, um silenciamento diante dos saberes relacionados às religiões afro-brasileiras, Tais inquietações posteriormente formaram as problemáticas que fundamentam a pesquisa. Durante as aulas apresentei diferentes referenciais negros no estudo da Antropologia como: Kabengele Munanga e Lélia González. A partir da trajetória desses autores, percebi maior engajamento à temática visto que trechos das obras dos autores foram apresentados e os estudantes se perceberam nestas produções. Um grupo de estudantes me procurou interessado em saber mais sobre autores e autoras negras e assim iniciamos conversas durante os intervalos sobre os mesmos – criava-se, assim, a gênese do que chamaríamos de AFROJIN. De maneira geral, a intervenção pedagógica – AFROJIN - que fundamenta a pesquisa ocorreu no ano de 2021, em uma escola localizada em Guaiúba (CE) e, para além de ação pontual, buscou-se planejar e executar um projeto interdisciplinar nesta temática visando proporcionar a oportunidade aos professores de Sociologia de traçarem novas maneiras de incentivar a autonomia estudantil a partir da importância dada às sugestões e problemáticas elencadas pelos estudantes. O projeto se desenvolveu através de oficina e encontros de aprendizagem que possibilitassem compartilhar saberes mais significativos.

Palavras-Chaves: Afrojin; Intervenção Pedagógica; Racialidade; Afrossaberes.

ABSTRACT

The purpose of this study was to understand and value the contributions made by Sociology to ethnic-racial relations, Africanities and racial self-identification of young students based on pedagogical interventions in a public and professional school in the State of Ceará. From the debates held at school on the concepts of discrimination, prejudice, segregation, racism, anti-racism, ethnicity and multiculturalism, several concerns were raised by the students. I noticed, beyond doubts, the difficulty in expressing racial belongings, a silence in the face of knowledge related to Afro-Brazilian religions. Such concerns later formed the problems that underlie the research. During classes I presented different black references in the study of Anthropology such as: Kabengele Munanga and Lélia González. From the trajectory of these authors, I noticed greater engagement with the theme as excerpts from the authors' works were presented and the students noticed themselves in these productions. A group of students came to me interested in finding out more about black authors and so we started conversations during breaks about them – thus creating the genesis of what we would call AFROJIN. In general, the pedagogical intervention - AFROJIN - that underpins the research took place in 2021, in a school located in Guaiúba (CE) and, in addition to specific action, we sought to plan and execute an interdisciplinary project on this theme aiming to provide the opportunity for Sociology teachers to outline new ways to encourage student autonomy based on the importance given to the suggestions and problems listed by students. The project was developed through workshops and learning meetings that made it possible to share more significant knowledge.

Keywords: Afrojin; Pedagogical Intervention; Raciality; Afrosaberes.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relatos sobre preconceito e/ou discriminação em relação ao seu cabelo.....	63
Quadro 2 – Relatos sobre autoestima dos entrevistados	65
Quadro 3 – Personalidades negras conhecidas a partir da formação educacional dos entrevistados	67
Quadro 4 – Principais referências negras brasileiras presentes na vida dos entrevistados.....	69
Quadro 5 – Ritmos musicais considerados pelos entrevistados como afro-brasileiros e/ou negros	71
Quadro 6 – Personalidade musical afro-brasileira e/ou negra que seja referência para você e que você ouve	73
Quadro 7 – Religiões afro-brasileiras que você conhece	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participantes da pesquisa	57
Gráfico 2- Alunos participantes por ano.....	58
Gráfico 3 – Curso Técnico do estudante	58
Gráfico 4 – Raça/cor dos entrevistados	59
Gráfico 5 – Pessoas que se autodeclararam como negras	60
Gráfico 6 – As estéticas negras são valorizadas em nosso país?.....	61
Gráfico 7 – Se sentiu pressionado(a) diante dos padrões eurocêntricos e coloniais?.....	62
Gráfico 8 – Conhece e/ou estuda(ou) sobre figuras negras importantes?	66
Gráfico 9 – Quais instrumentos abaixo colocados você conhece?	72
Gráfico 10 – Artistas musicais que você ouve	73
Gráfico 11 – Conhece alguma religião afro-brasileira?.....	75
Gráfico 12 – Você percebe situações de racismo no seu dia a dia?	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sequências didáticas	32
Tabela 2 - Atividades pensadas e executadas no projeto AfroJIN	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFROJIN: Projeto desenvolvido na JIN sobre racialidade e afrossaberes na Escola.

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CREDE: Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação

EEEP: Escola Estadual de Educação Profissional

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

ERER: Educação para as Relações Étnico-Raciais

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JIN: Escola de Educação Profissional José Ivanilton Nocrato

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LGBTQIA+: Movimento composto por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e não-binários em busca de direitos e contra o preconceito e a discriminação por orientação sexual e de gênero.

PROFSOCIO: Mestrado Profissional de Sociologia

SEDUC: Secretaria de Educação do Estado do Ceará

SPAECE: Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará

UNILAB: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. APRESENTAÇÃO DO PROJETO E REVISÃO TEÓRICA SOBRE AFRICANIDADES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL	19
3. BASES PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO	30
4. AFROJIN: HISTÓRICO DO PROJETO E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E INTERVENÇÃO (PLANO).....	34
5. A PESQUISA NA ESCOLA: ESTIMULANDO NOVOS CONHECIMENTOS.....	57
5.1 Orientações e sugestões para a replicação do Projeto.....	77
6. ÊXITOS E PERCALÇOS DO PROJETO AFROJIN	79
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	85
ANEXO A - PESQUISA SOBRE PERTENÇA RACIAL E AFROSSABERES NA JIN88	
ANEXO B - APRESENTAÇÃO DO PROJETO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR, CREDE E SEDUC.....	93
ANEXO C - INSTAGRAM DO PROJETO.....	95

1. INTRODUÇÃO

O atual contexto social apresenta inúmeras mudanças na educação, sobretudo no ensino da Sociologia na Educação Básica, o qual perpassa por constantes percalços. Ser professor(a)/pesquisador(a) é desafiador, haja vista que há a necessidade de buscar métodos inovadores de ensino que proporcionem aos alunos o estímulo para se dedicar e desenvolver suas habilidades. Despertar o interesse dos educandos para área da pesquisa é crucial para a formação de estudantes críticos, participativos, formadores de opiniões e protagonistas de sua trajetória estudantil.

A Sociologia é um importante instrumento de conhecimento e interpretação da realidade social. Ao se exercitar o pensamento sociológico com os estudantes, abre-se a possibilidade de trabalhar diversas questões e problemáticas sociais trazidas por eles, para o ambiente de sala de aula de maneira mais aprofundada e dinamizada. Assim, o presente trabalho se propôs a discutir temáticas que são reflexos do interesse de aprofundamento dos alunos em sala de aula - Racialidade e Afrossaberes – e que se materializou no projeto Afrojin, no qual os estudantes participaram ativamente da contextualização dos estudos a partir de pesquisa quantitativa e qualitativa, as quais foram realizadas na própria escola, contando com a participação de estudantes, professores e funcionários, através da aplicação de questionários.

Nesse sentido, é importante destacar esses dois termos que constantemente serão abordados no decorrer do trabalho. “Racialidade” se refere ao conjunto de características sociais, culturais, históricas e políticas associadas à raça e à etnia em uma determinada sociedade, a qual envolve a maneira como as identidades raciais são percebidas, construídas e vivenciadas, influenciando a distribuição de poder, privilégios e oportunidades na sociedade. Ela também abrange as relações sociais, a discriminação, o preconceito e as formas de resistência e luta por direitos e reconhecimento das diferentes comunidades étnico-raciais.

No que concerne a "Afrossaberes", pode-se dizer que é a combinação de termos, "afro" (referente à cultura afrodescendente, afro-brasileira) e "saberes" (conhecimentos, entendimentos). Assim, pode-se dizer que essa nomenclatura se refere ao conjunto de conhecimentos, perspectivas, experiências e saberes produzidos e transmitidos pela população afrodescendente, especialmente no contexto brasileiro.

Com base nisso, o presente estudo buscou compreender e valorizar as contribuições dadas pela Sociologia às relações étnico-raciais¹, africanidades e autoidentificação racial dos jovens estudantes a partir de intervenções pedagógicas em uma escola da rede pública e profissional² do Estado do Ceará. Este modelo específico de trabalho é denominado como intervenção pedagógica visto que se faz necessário um conjunto de atividades e\ou ações sequenciais inéditas que possam envolver toda a comunidade escolar. As ações apresentadas no trabalho se utilizam da sequência didática e de processos formativos e sensibilizadores.

A pesquisa em análise teve início em 2020, ano em que criei um projeto interdisciplinar chamado Africanidades (o qual teve como lócus de desenvolvimento uma escola profissional de Fortaleza), experiência esta que foi replicada nos anos de 2021 e 2022 com a designação AfroJIN, nome criado pelos estudantes com base na sigla que referencia a Escola cotidianamente: JIN. Esta última ação teve como lócus de desenvolvimento uma escola localizada em Guaiúba (CE) e para além de ação pontual, buscou-se planejar e executar um projeto interdisciplinar nesta temática visando proporcionar a oportunidade de os estudantes conhecerem e valorizarem elementos de nossas culturas que contemplam o que chamamos de afrossaberes/saberes negros/sabedoria popular negra. Diante destes saberes afro encontramos a corporeidade que nos remete a estéticas, danças, indumentárias, autoestima e especialmente a autopercepção racial, elemento que também constitui o projeto que carregou o nome de AfroJIN³.

Por conta de alguns entraves ligados a dinâmica dos alunos dos terceiros anos nas Escolas Profissionais: Estágio Curricular⁴, preparação para o ENEM e vestibulares⁵, estes não puderam participar da oficina e encontros de aprendizagem. Apenas participaram da pesquisa

¹ Relações estabelecidas entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana).

² A organização de uma EEEP apresenta o ensino médio integrado à educação profissional, funcionando de forma integral, com 9 tempos de aula e cumprindo uma carga horária de 5.400 horas/aula ao longo das 3 séries do ensino médio. Dessa forma, são contempladas: Formação Geral Básica (FGB), Formação Profissional e Parte Diversificada (SEDUC/CE, 2023).

³ Sigla que denomina a Escola Estadual de Educação Profissional José Ivanilton Nocrato.

⁴ O estágio curricular faz parte do projeto pedagógico dos cursos de ensino médio integrados à educação profissional. Regido pela Lei Federal 11.788, de 25 de setembro de 2008, o estágio ajuda a desenvolver competências próprias da atividade profissional, oferecendo ao estudante a possibilidade de vivenciar a realidade do mercado de trabalho. (<https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br>) Na maior parte dos estágios os estudantes do terceiro ano permanecem com 5 ou 4 aulas da Base Nacional Comum Curricular e no restante da carga horária (5 a 4 horas) desenvolvem práticas relacionadas à seu curso profissional em empresas de diversos segmentos. (SEDUC/CE, 2023).

⁵ Desde o início do segundo ano os estudantes já participam de aulões, simulados, gincanas de preparação para as avaliações externas. No terceiro ano este ritmo se intensifica e muitos professores de outras escolas e universidades são convidados para contribuir ministrando aulões e momentos motivacionais.

já que responderam ao questionário qualitativo e quantitativo. Muitos protestaram, conversavam comigo sobre o interesse em participar, porém há uma restrição silenciosa para que tais estudantes não “percam tempo em projetos da Escola”. Além disso por conta do estágio estes alunos não conseguiriam participar de algumas atividades propostas pelo projeto já que estavam em campo (pela manhã ou pela tarde, à depender do curso, eles estão em suas concedentes⁶).

O projeto foi desenvolvido entre os meses de Agosto a Dezembro de 2021 contando com quatro turmas de segundo ano partícipes. A temática principal foi apresentada a partir da sequência didática criada por mim com base na Pedagogia Histórico-Crítica. Mais profundamente as turmas de segundo ano refletiram e se debruçaram na ideia de pesquisar o próprio contexto já que o livro didático que eles utilizavam bem como o texto que apresentei descreve e traz dados a nível Brasil. Três estudantes do segundo ano do curso de Agropecuária ficaram responsáveis pela digitação e pela divulgação do questionário. Para tanto a plataforma google forms nos auxiliou para tornar digital os questionamentos. Assim tivemos uma rápida divulgação da pesquisa bem como uma célere tabulação dos dados.

Levando em consideração os aspectos observados no decorrer desse estudo, nota-se que os dados da pesquisa forneceram a reflexão de que havia uma maior curiosidade por parte dos estudantes sobre três afrossaberes: musicalidade, corporeidade e religiosidade. Estes foram os saberes escolhidos para pensar e executar as oficinas. Sob minha mediação e partir de um projeto interdisciplinar, os estudantes das turmas partícipes escolheram realizar oficina e rodas de conversa que possibilitaram compartilhar saberes mais significativos, tais como: oficina de valorização das estéticas negras a partir da fotografia, roda de conversa sobre as afro-religiosidades, apresentação dos dados da pesquisa para a Escola. Os estudantes dos primeiros e segundos anos puderam participar espontaneamente destes momentos ao se inscreverem através de uma ficha de interesse na atividade.

No mês de Outubro tivemos o lançamento do edital do Ceará Científico 2021. Os mesmos três estudantes que ajudaram na elaboração e divulgação do questionário de pesquisa foram convidados por mim para compor a equipe de elaboração de um artigo científico sobre o projeto⁷. Elaboramos juntos e disputamos na fase escolar conquistando o 1º lugar, na fase regional também conquistando o 1º lugar e na fase estadual premiados com o 2º lugar com a oportunidade de divulgação do artigo produzido na revista Ceará Científico.

⁶ Empresa que aceita a parceira com a Seduc para serem lócus de aprendizado dos estudantes em estágio.

⁷ Disponível em: <<https://periodicos.seduc.ce.gov.br/cearacientifico/article/view/672>>.

Diante do exposto considero que a práxis desenvolvida promoveu e poderá promover em outros contextos, a valorização das culturas afro-brasileiras bem como a reflexão sobre os estigmas relacionados a estas. Tais reflexões podem auxiliar a criação de novas mentalidades juvenis ao perceberem a contribuição destas culturas negras para a construção do país e, a partir da autoidentificação racial se perceberem como parte da população negra fomentando também práticas antirracistas⁸.

⁸ Para Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023) o antirracismo é uma responsabilidade ocidental cujo centro é o racismo, por ser uma construção ocidental. Segundo a autora: “a perspectiva antirracista tem como eixo central a negação do que o ocidente fez de nós: eles dizem “suas vidas são desimportantes”, nós retrucamos “vidas negras importam”; eles dizem que somos feios, burros, sem cultura, incivilizados, e nós passamos a vida inteira tentando provar o contrário”. (PINHEIRO, pág. 41, 2023).

2. APRESENTAÇÃO DO PROJETO E REVISÃO TEÓRICA SOBRE AFRICANIDADES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL

A intervenção didática que fundamenta a pesquisa busca valorizar as contribuições dadas pela Sociologia à compreensão das relações étnico-raciais⁹, africanidades e autoidentificação racial. Iniciado, no ano de 2019, o projeto interdisciplinar enfrentou ao longo do tempo algumas adversidades. O primeiro entrave percebido se caracteriza pelo modelo educacional que superioriza a profissionalização dos jovens estudantes em um contexto de educação bancária (FREIRE, 1996) pautada na meritocracia, elementos observados nos contextos das Escolas Estaduais de Educação Profissional nas quais trabalhei e executei o projeto. O segundo entrave se dá pela necessidade de ressignificação já que este passou por duas escolas profissionais. Na última escola consegui uma maior efetivação das ações e dados da pesquisa e por conta disso estes elementos serão contemplados neste trabalho. A pesquisa realizada é de cunho qualitativo já que lida com o universo dos significados, aspirações, motivos, atitudes, crenças e valores, abrangendo assim áreas mais profundas das relações, processos e fenômenos (MINAYO, 2007).

A proposta de intervenção busca entender as demandas e percepções dos jovens estudantes. Assumindo que:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem. Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social. Nesse, o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida, desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe e cor da pele, por exemplo), a diversidade cultural (as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc.), a diversidade de gênero (a heterossexualidade, a homossexualidade, a transexualidade, por exemplo) e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude (DAYRELL E CARRANO, 2014, p. 113).

A escola deve acolher as juventudes em sua diversidade, conforme orientação da Base Nacional Comum Curricular (2018), que estabelece entre as finalidades do Ensino Médio : “Compreender que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas, e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história” (BNCC, 2018, p. 467). O documento reforça a

⁹ Relações estabelecidas entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004)

necessidade das redes e sistemas de ensino além das escolas incorporarem saberes contemporâneos necessários a vida humana e que o tratamento destes temas, entre os quais se insere as relações étnico-raciais, deve ser feito de forma transversal e inovadora. (BNCC, 2018, p. 19).

É tarefa, portanto, de toda a comunidade escolar refletir sobre as relações étnico-raciais no Brasil e isso inclui também reflexões sobre o racismo estrutural que permeia as relações sociais historicamente em nosso país. Sobre tal fenômeno Zelma Madeira (2020) escreve: “o escravismo não se transformou apenas num sistema econômico, mas também forjou mentalidades, afetou conceitos, moldou os “jeitos de ser” na sociedade por meio dos significados, símbolos e linguagens que subalternizam até hoje os descendentes dos escravizados”. (MADEIRA, 2020, p. 151). Tal formação social nunca foi desestruturada nas palavras de Madeira (2020), segundo a autora, seguimos com ideias e práticas racistas falhando na disposição de garantia de direitos (MADEIRA, 2020, p. 151). No sentido exposto por Sílvia Almeida (2018):

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Florestan Fernandes nos apresenta uma análise sobre as desigualdades raciais no Brasil e orienta que:

Desse ângulo, o negro vem a ser a pedra de toque da revolução democrática na sociedade brasileira. A democracia só será uma realidade quando de fato houver igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhuma espécie de preconceito, de estigmatização, e de segregação, seja em termo de classe, seja em termos de raça. Por isso, a luta de classe, para o negro, deve caminhar juntamente com a luta racial propriamente dita (FERNANDES, 2017, p. 40).

Na tentativa de desnaturalizar tais discriminações, estranhar vivências que são familiares aos estudantes e demais atores sociais escolares e que reforçam a invisibilização da presença negra em diversas instâncias mantendo vigente o mito da democracia racial¹⁰ o

¹⁰ Por democracia racial entende-se o pensamento amplamente difundido por Gilberto Freyre na obra *Casa Grande e Senzala* (2004) de que a miscigenação apaziguou muitas divergências e desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Mesmo diante de uma colonização violenta, Freyre considerava que os traços culturais desta

projeto Africanidades (o que posteriormente se transformou em AfroJIN) foi pensado como uma intervenção antirracista com foco na presença das Africanidades Brasileiras nas culturas juvenis. Aqui posiciono o lugar da Sociologia nesta intervenção interdisciplinar. Como bem descreve as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos naturalizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 105).

Da mesma forma o exercício de estranhamento se faz necessário, como em outras disciplinas da área de Ciências Humanas ou Naturais, já que os fenômenos sociais não são apreendidos de imediato, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumado, e que na verdade nem são vistos. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 105).

Neste projeto de intervenção, as ações foram pensadas para desnaturalizar invisibilizações e violências estruturadas socialmente e que reproduzem a negação das Africanidades Brasileiras por parte da população brasileira. Para Silva (2005) as Africanidades Brasileiras são compreendidas como:

(...) raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, estamos, de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia. (SILVA, 2005, p. 156)

A autora nos alerta ainda sobre a presença das africanidades brasileiras em instâncias imateriais da vida coletiva, consubstanciadas em valores que orientam as nossas ações:

[...] estudar as Africanidades Brasileiras significa tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela vida de todos os descendentes de africanos,

sociedade mestiça faria dos brasileiros indivíduos mais propensos ao diálogo, paz e harmonia entre raças. Contrariando esta visão os movimentos negros como a Frente Negra Brasileira (FNB) afirmaram tratar-se de um mito, de uma invenção branca para camuflar o racismo de nossa sociedade. O sociólogo Florestan Fernandes denunciou a falácia da democracia racial confirmando que as relações raciais no Brasil permaneciam desiguais na sociedade de classes.

mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira. (SILVA, 2005, p. 156)

Santos (2011), ao analisar as africanidades nas sociedades brasileiras, afirma: “Esta cultura só pode ser entendida na relação com as outras culturas brasileiras. É nesse movimento que se materializam as trocas, as significações e ressignificações que impregnam a vida de todos nós, negros e não negros” (SANTOS, p. 27, 2011). Nesse sentido, o projeto visou perceber e valorizar as ressignificações dadas pelos jovens estudantes a estas africanidades. Para Kabengele Munanga (pág. 5, 1984):

Africanidade não é uma concepção intelectual afastada da realidade. Ela é um conjunto dos traços culturais comuns às centenas de sociedades da África subsaariana. (...) O conteúdo da africanidade é o resultado desse duplo movimento de adaptação e de difusão. (MUNANGA, p. 5, 1984a).

Munanga colabora com a ideia de que há ressignificação e presença destes elementos que compõem as africanidades mesmo diante de um cenário de sistema escolar racista e impregnado pelo mito da democracia racial.

As ações previstas no projeto vislumbraram também difundir o que está explícito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, modificada por duas leis, uma de 2003 e outra de 2008, que versam sobre o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). (BRASIL, LEI 9.394/96).

As pesquisadoras Maria Zelma de Araújo Madeira e Renata Gomes da Costa (2012) preocupam-se com a implementação da lei nacional no sistema educacional público de Fortaleza acentuando que:

Uma adequada política educacional, que possa ter impactos significativos, requer planejamento das ações, continuidade e previsão de recursos, não podendo ficar à disposição apenas de alguns professores sensibilizados à temática de enfrentamento

ao racismo, o que compromete uma ação valorativa no que concerne, por exemplo, ao ensino da história e cultura das etnias que formaram a nação brasileira (MADEIRA; GOMES, 2012, p. 332.).

Fazenda, Varella e Almeida (2013) caracterizam a interdisciplinaridade pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa. Complemento que a autonomia dos discentes, inspirada por Paulo Freire (2002), é elemento prioritário nesta intervenção visto que as necessidades partiram das observações do cotidiano estudantil, dos diálogos nas aulas e as sugestões e o engajamento dos estudantes foram cruciais para a execução da proposta.

A Base Nacional Comum Curricular sancionada é permeada por uma *sociologização* da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, porém a disciplina muda de status, o que serve a interesses neoliberais que orientam a construção da versão final do documento a partir de institutos educacionais privados. Nas palavras de Silva e Alves Neto (2020):

Há conhecimentos e conteúdos das ciências sociais orientando as competências e habilidades, mas certamente não há a especialização clara entre os componentes curriculares que fazem parte dessa área. Essa tendência, que Bernstein (2003) já indicava nos seus estudos nos anos de 1970 em diante, consolidou-se no mundo inteiro, ou seja, o modelo genérico de currículo. (SILVA, ALVES NETO, 2020, p. 280)

Diante do exposto é imprescindível demarcar a importância da Sociologia no projeto interdisciplinar para não incorrer em diluição desta disciplina a partir de competências e habilidades esvaziadas de conhecimento sociológico. Para tanto, além dos exercícios de desnaturalização e estranhamento, referenciais próprios das Ciências Sociais também são utilizados nas rodas de conversa autores da área de ciências sociais, a saber: Florestan Fernandes e sua produção “A integração do Negro na Sociedade de Classes” e Lélia Gonzáles com “Racismo e Sexismo na cultura brasileira” e “A categoria político-cultural de Amefricanidade”. Tais debates são mediados por conceitos inerentes às Ciências Sociais e que trazem reflexões sobre as relações étnico-raciais no Brasil: Cultura, Raça, Etnia, Racismo entre outros.

É necessário compreender que o projeto iniciou como uma prática interdisciplinar em 2019 e foi adaptado aos contextos escolares posteriores em que estive inserida como professora-pesquisadora em 2020 até os dias atuais. No contexto específico de 2019 constatamos discursos e práticas que tentavam silenciar ou negar as condições juvenis negras. Isto se expressou em diversas dimensões, especialmente no discurso de meritocracia que rege

a instituição e que é internalizado por vários discentes. Consultando um dicionário de Sociologia encontramos que meritocracia é:

Um sistema social no qual o sucesso do indivíduo depende principalmente de seu mérito – de seus talentos, habilidades e esforço. A ideia de meritocracia tem servido como ideologia, baseada no argumento de que a desigualdade social resulta de mérito desigual, e não de preconceito, discriminação e opressão. (...) Argumentam os críticos que séculos de desigualdade e opressão social colocaram as minorias raciais e classes baixas em situação inerentemente desprivilegiada. (...) Além disso a definição de talento e capacidade é viesada em favor de grupos privilegiados que estabelecem padrões que refletem a si mesmos e seus interesses e meios formativos (JOHNSON, 1997, p. 146).

O discurso meritocrático colabora para invisibilização das diversidades juvenis negras já que entende que todos os discentes partem das mesmas vivências e oportunidades, como também são os únicos responsáveis pelo êxito ou fracasso escolar.

O fracasso escolar está vinculado diretamente ao rendimento nas avaliações quantitativas, bem como ao perfil comportamental do discente. Ao passo que este é considerado indisciplinado é visto, em muitas situações, como inapto para permanecer na Escola. Foucault (1987) argumenta que a instituição escolar como uma instituição de controle promove a docilização dos corpos. Para os corpos resistentes à docilização nas Escolas Profissionais aplicam-se atos disciplinares que findam, em diversas situações, na transferência de alguns estudantes para instituições de ensino regular. Joice Berth (2019) enfatiza:

Foucault salienta que as relações de poder das instituições, escolas e prisões são marcadas pela disciplina. Nesse sentido, fará a discussão sobre biopolítica e biopoder, de como os corpos e a educação são controlados por essa imposição normatizadora. Segundo o filósofo, a disciplina fabrica indivíduos, é uma técnica específica de poder que os domina. Segundo sua análise, enquanto o sujeito é colocado em relações de produção e de significação, é também, desse mesmo modo, colocado em relações de poder (BERTH, 2019, p. 18).

É importante salientar que os corpos juvenis negros são sistematicamente observados na Escola: os cabelos crespos, cacheados, as tonalidades dos cabelos, os turbantes, os brincos, os bonés, os artefatos de religiões de matriz afro-brasileira. É perceptível que tais expressões corporais e culturais somadas à questão racial são temas de preocupação por parte dos educadores da instituição que leem estes aspectos das juventudes em geral, e especialmente das juventudes negras estudantis, como tentativas de descumprimento do padrão de fardamento e estética esperados pelo tão aclamado “aluno de escola profissional¹¹”.

¹¹ Por conta da formação profissional a que os alunos têm acesso na Escola unida a disciplinas da base diversificada como Mundo do Trabalho, Empreendedorismo, Formação Cidadã e Projeto de Vida espera-se

Carla Akotirene (2019) nos proporciona uma reflexão apurada sobre este fenômeno: O maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema “negro,” das “lésbicas,” de “gênero,” dos “latino-americanos”. (AKOTIRENE, 2019, p. 16). No sentido exposto por Carla Akotirene (2019) é preciso olhar para todas as dimensões que são subjugadas pelo colonialismo. E, ao recorrer a esta autora, percebo que os dialetos juvenis negros, suas músicas, seus bairros e agrupamentos são também objeto de análise e coação na referida instituição. O pretuguês (GONZÁLES, 1988), por exemplo, não é assumido.

Lélia González (1988) afirma que o racismo à brasileira tem suas artimanhas. Uma delas é o mito da democracia racial. Se, para o discurso dominante, brancos e negros tem as mesmas condições sociais de existência é importante homogeneizar os corpos numa tentativa de provar a suposta ideia de igualdade: alunos da mesma instituição de ensino, uniformizados e de forma similar caracterizados culturalmente.

Primando por analisar antropológica e psicologicamente o racismo à brasileira González (1988) afirma que somos ladino-amefricanos. A autora elabora a ideia de Amefricanidade a partir da presença africana no Brasil em sua formação política, histórica e cultural. Segundo a autora a Amefricanidade: “incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas)” (GONZÁLEZ, 1988, p.76) porém a autora salienta:

Para um bom entendimento das artimanhas do racismo acima caracterizado, vale a pena recordar a categoria freudiana de denegação “processo pelo qual o indivíduo embora formulando um de seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até aí recalcado, continua a defender-se dele, negando que lhe pertença” (LAPLANCE e PONTALIS, 1970). Enquanto denegação de nossa ladinoamefricanidade, o racismo à brasileira se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer (“democracia racial” brasileira) (GONZALEZ, 1988, p.69).

Não é coincidência, portanto, que os estudantes negros, em especial, as estudantes negras, sejam alvo de análises sistematizadas de seu comportamento e estética dentro da instituição de ensino. Vale salientar que as professoras negras também sofrem com piadas sobre seus cabelos, suas vestimentas e comportamentos.

destes estudantes maior adequação ao modelo empresarial moldando seu comportamento às exigências do mercado. Não é novidade que este mercado é excludente, marginaliza e estigmatiza em alguns contextos

Diante da constatação de tentativa de docilização dos corpos negros e silenciamento da diversidade juvenil e negra, fenômeno estrutural no Brasil, é preciso, segundo Kabengele Munanga:

[...] mostrar que a diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, ao contrário, um fator de complementaridade e de enriquecimento da humanidade em geral; e por outro lado, em ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introjetada em detrimento de sua própria natureza humana (MUNANGA, 2005, p. 15).

A prática proposta e resignificada em outros contextos visa ampliar os afrossaberes ou valores civilizatórios afro-brasileiros. Neste sentido desde o primeiro projeto interdisciplinar em 2019 até a experiência no ano de 2022 fundamentei as vivências, oficinas e rodas de conversa na produção sociológica e antropológica sobre a temática como também incentivei a valorização destes afrossaberes. Na última experiência didática a influência da pesquisadora Trindade (2010) esteve mais presente: Os valores afro-brasileiros são, na concepção da autora (2010):

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (TRINDADE, 2010. p. 30).

Silva (2021) ressalta que estes valores quando trabalhados em sala e/ou projetos promovem ações antirracistas “baseadas principalmente no ideal de ressaltar a diversidade em prol do reconhecimento de subjetividades que historicamente foram invisibilizadas” (ANO, p.). Ao denominá-los Silva (2021) cita:

Memória, Ancestralidade, Religiosidade, Oralidade, Musicalidade, Cooperação/Comunitarismo, Axé (energia vital), Corporeidade, Ludicidade e Circularidade, ressaltam e valorizam a História da África e dos povos da diáspora, são princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais, materiais, objetivas e subjetivas, que se construíram e se constituem num processo histórico, social e cultural (SILVA, 2021, p. 814).

Nas duas últimas intervenções didáticas mobilizamos o entendimento de Silva (2021), a partir de Trindade (2005), de que a musicalidade é “um dos aspectos afro-brasileiros mais emblemáticos pois a música faz parte do nosso cotidiano e reflete muito daquilo que

pensamos”. (SILVA, 2021, p. 816). O valor da corporeidade é entendido pela autora como “nosso ser e estar no mundo e, com isso, percebermos que nossas existências, subjetividades e diversidades são de suma importância”. (SILVA, 2021, p. 816). Por religiosidade a autora entende “o aspecto sagrado do cuidar e ser cuidado, do ver e ser visto, do compreender e ser compreendido, do afetar e ser afetado, pois nossos corpos são como templos sagrados de uma ancestralidade”. (SILVA, 2021, p. 816).

Nas duas últimas intervenções didáticas a partir de projetos sociológicos também contemplei a dimensão da autoidentificação racial visto que a cor da pele é um marcador determinante de como negros(as) são tratados(as) nas relações cotidianas, afetivas, institucionais e, inclusive escolares e percebi a necessidade de compreender se tal racismo estrutural impede que os estudantes se autoidentifiquem como pretos, pardos e como negros, categoria política utilizada pelo Movimento Negro para contemplar pretos e pardos no Brasil.

Ao observarmos os dados da violência contra negros(as) no Brasil constatamos tamanha vulnerabilidade desta comunidade frente ao racismo estrutural. Gomes (2021) em seu artigo traz dados relevantes sobre o extermínio da população negra no Brasil:

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública publicados em novembro de 2019, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 70 são negras; entre 2007 e 2017 o homicídio de negros cresceu 33,1%. A chance de um jovem negro ser assassinado é 2,7 vezes maior do que a de um jovem branco. Em 2017, 66% das mulheres assassinadas eram negras. Esse mapa da violência traz evidências suficientes para que possamos afirmar que a ser negro nesse país representa um risco de vida (CASTRO, 2021, p. 33).

Ao compreender que estes dados são fortemente reproduzidos na Escola a partir de apelidos, deboches e ironias em relação aos jovens pretos e pardos da instituição, denominados a partir do racismo recreativo como bandidos, marginais, ladrões, faccionados, entre outros estigmas, percebi que estes mesmos jovens, vítimas e reprodutores deste racismo recreativo careciam, o que é um fato generalizado no Brasil, de ações que viabilizassem a desnaturalização destas ações cotidianas. Inicialmente propomos ações em sala, seguidas de pesquisa e utilização de metodologias ativas para a sensibilização dos estudantes. Castro (2021) afirma que tais ironias e deboches, somados à violência e à marginalização da comunidade negra no Brasil são reflexo do que ela chama de sistema de pensamento:

O racismo nacional não é uma questão de preconceito individual de pessoas brancas contra pessoas não brancas, trata-se de um sistema e de uma estrutura de pensamento que perpassam várias instituições de forma a moldar o imaginário de toda a sociedade, naturalizando diferenças hierárquicas, quando, na verdade, essas diferenças são resultado de um poder que continua fiel a um ethos colonial, autoritário, perverso, hipócrita. Além das instituições de ensino que continuam ensinando e socializando as pessoas a partir de uma narrativa que só leva em

consideração o ponto de vista do colonizador, a mídia nacional também contribui na reiteração de estereótipos de raça (CASTRO, 2021, p. 37).

Desse modo, o que busquei na intervenção didática é o que Freire (1970, p. 17) denomina como radicalização:

(...) Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva (FREIRE, 1970, p. 17).

Não ousou dizer que essa radicalização foi conseguida por completo nas intervenções visto que minha dialética também foi domesticada por 13 anos de contratos temporários que violentam simbolicamente os docentes a ponto destes silenciarem ou até mesmo cooperarem para a sectarização. A inspiração freiriana foi o fio condutor de toda a iniciativa:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 1970, p. 20).

Foi exatamente por esta consciência classista e racial que a pesquisa escolar foi realizada. Era preciso ouvir os jovens estudantes para além das aulas, em suas individualidades que convergem ou não com as coletividades juvenis na escola. E na pesquisa muitos casos de depreciação estética, vergonha pelos apelidos atribuídos foram observados.

O racismo estrutural que invisibiliza as belezas negras e o racismo recreativo fazem morada em nosso país. Colaborando para entender que o problema da exclusão na Escola vai além desta instituição Dubet (2003, p. 23) esclarece: “Não é diretamente a escola que realiza as grandes operações de distribuição dos alunos, são as desigualdades sociais que comandam diretamente o acesso às diversas formas de ensino”.

Dialogando com Antonio Gramsci (1986), Freire (1996) reivindica que a escola seja ativa, construindo o que o autor italiano denomina como escola unitária. Para o autor, a escola deve proporcionar: “(...) depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa” (GRAMSCI, 1986, p. 121). Esta autonomia segundo Freire (1996):

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a

substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (FREIRE, 1996, p.19).

Desta forma acredito que a intervenção pensada e executada por estudantes e por mim atendem a condição de escola viva e antirracista.

3. BASES PARA A CONSTRUÇÃO DO PROJETO

A pedagogia histórico-crítica foi escolhida para orientar a composição do planejamento dos momentos de aprendizagem divididos em 8 encontros. A escolha se deu a partir do encantamento com tal filosofia educacional proporcionado pelas aulas da disciplina Metodologia de Ensino ministrada pelo professor Alexandre Jeronimo Correia Lima. A partir deste encantamento inicial observei que a forma como se desenvolve a aprendizagem nesta abordagem daria contribuições ao projeto na Escola visto que já se articulava como uma prática interdisciplinar e advinda das vivências cotidianas dos jovens estudantes.

Dermeval Saviani (2021) em seu livro *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* afirmam que o ano de 1979 foi um marco para caracterizar e nomear a filosofia educacional na qual acreditava e que tinha trabalhado com vistas a diferenciá-la das pedagogias crítico-reprodutivistas. Enquanto criador da abordagem o autor afirma:

Em outros termos, o que eu quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana. No Brasil, esta corrente pedagógica firma-se, fundamentalmente, a partir de 1979. (SAVIANI, 2021, p. 120).

A partir do que Saviani afirma, pode-se inferir que a transformação da sociedade é uma das principais ferramentas possibilitadas pela pedagogia histórico-crítica já que seu método promove uma educação dialética e pautada nas relações que a humanidade estabelece para a sua sobrevivência. Desta forma os saberes escolares devem obrigatoriamente iniciar pelas experiências de vida que os jovens estudantes trazem à Escola, a partir do que estes já sabem sobre o objeto a ser estudado. A este processo inicial Saviani dá o nome de prática social. Sobre o ponto de partida, Saviani analisa que os estudantes terão inicialmente uma prática social sincrética já que ainda não conseguem relacionar os saberes que dominam com as condições sociais que vivenciam.

Sobre a “prática social dos sujeitos da educação”, Gasparin (2020) afirma que a partir da consciência desta prática social é possível fomentar reflexões sobre o fazer diário, sobre as vivências concretas e cotidianas dos estudantes e professores. De igual maneira o teórico lembra que esta prática é também produto do todo social o que, portanto, envolve toda a sociedade. Além disso Gasparin (2020), seguindo os passos de Saviani (2021), nos lembra que este processo se dá dialeticamente, com contradições necessárias à construção de um

aprendizado significativo. A prática social se torna para Saviani (2020) o início e o fim do método educativo, já que a partir dela novas ações devem ser percebidas nos atores sociais em questão.

Gasparin (2021) entende que o método tem como fundamentos o materialismo histórico e dialético, a teoria Histórico-Cultural de Vigotski e os cinco passos da pedagogia histórico-crítica criados por Saviani. Os cinco passos são: Prática Social, Problematização, Instrumentalização, Catarse e Prática Social.

O interesse por tal método para a realização do projeto interdisciplinar se deu também pelo entendimento de que os saberes mais significativos são aqueles construídos de forma interdisciplinar perpassando diversas as áreas de conhecimento e da vida social. Sobre isso Gasparin afirma: “busca-se, cada vez mais, a unidade, a interdisciplinaridade, não como forma de pensamento unidimensional, mas como uma apreensão crítica das diversas dimensões da mesma realidade.” (GASPARIN, 2021, p. 234).

Por conta da presença dos múltiplos saberes envolvidos e da interdisciplinaridade o plano desenvolvido para o projeto contempla várias dimensões em que o mesmo colabora e/ou está presente. Tais dimensões são: Conceitual/Científica, Histórica, Econômica, Social, Política, Legal, Ideológica, Filosófica, Religiosa e Ética. Para muitas destas dimensões há problematizações pensadas para fomentar o debate e a reflexão. Segundo Gasparin (2021), a problematização é um desafio, ou seja, é a criação de uma necessidade para que o educando, através de sua ação, busque o conhecimento. Neste intuito o autor cita que o professor pode ter elencado questões a priori, porém, nem sempre estas serão as centrais no processo já que os estudantes podem trazer questionamentos outros que devem ser acolhidos.

Em relação ao que Gasparin cita sobre a problematização vejo evidências a partir dos momentos de aprendizagem vivenciados no projeto de que questões profundas foram citadas pelos estudantes sem necessitar de um inicial questionamento meu. Problemas como intolerância religiosa, racismo recreativo, racismo estrutural foram perceptíveis já nos momentos iniciais da problematização. Estas problemáticas foram interligadas ao gênero e à classe social, algo também citado pelos estudantes.

A partir da formulação da problematização é vivenciado o momento da instrumentalização, o que Gasparin (2021) entende como: “Os educandos e o educador agem no sentido da efetiva elaboração interpessoal da aprendizagem, através da apresentação sistemática do conteúdo por parte do professor e por meio da ação intencional dos alunos de se apropriarem desse conhecimento”. (GASPARIN, 2021, pág. 901). A partir desta

concepção, as múltiplas atividades foram pensadas para uma imersão nas questões raciais no Brasil:

Tabela 1 – Sequências didáticas

Definição de Racismo
Apresentação de dados do IBGE sobre discriminação racial no país
Autodefinição racial
Definição do Mito da Democracia Racial
Movimentos Negros e a definição de negros no Brasil
Recontando a minha história de vida
Apresentação do tema: Valores Civilizatórios Afro-brasileiros/Afrossaberes
Leitura compartilhada e dialógica de algumas partes do texto didático sobre valores civilizatórios afro-brasileiros/Afrossaberes

Fonte: Elaboração própria, 2024.

A partir dos conhecimentos partilhados e dos novos, aos quais tiveram acesso nos momentos de aprendizagem, os estudantes identificaram e se aproximaram dos saberes trabalhados possibilitando a criação de uma síntese. Para Gasparin (2021) a síntese é o elemento principal do estágio chamado catarse. Dentre as múltiplas atividades pensadas e executadas no projeto AfroJIN e que fazem parte da catarse estão:

Tabela 2 - Atividades pensadas e executadas no projeto AfroJIN

Elaborações de posts para redes sociais com informações retiradas dos encontros
Elaboração de questionário sobre autoidentificação racial e afrossaberes na Escola
Análise dos dados quantitativos e qualitativos da pesquisa realizada na Escola
Divulgação dos resultados
Criação de oficinas e rodas de conversa sobre os afrossaberes mais citados na pesquisa
Elaboração de um artigo contendo a pesquisa e as ações realizadas na Escola

Fonte: Elaboração própria, 2024.

As atividades citadas são parte desta catarse a que Saviani e Gasparin se referem e que é de suma importância para a construção de um olhar sociologicamente. Para Gasparin:

A Catarse é a síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma de sua construção social e sua reconstrução na escola. É a expressão teórica dessa postura mental do aluno que evidencia a elaboração da totalidade concreta em grau intelectual mais elevado de compreensão. Significa, outrossim, a conclusão, o resumo que ele faz do conteúdo aprendido recentemente. É o novo ponto teórico de chegada; a manifestação do novo conceito adquirido (GASPARIN, 2021, p. 2128).

Finalizando o percurso temos a prática social final que é compreendida por Gasparin (2021) a partir da transposição do teórico para o prático dos objetivos da unidade de estudo, das dimensões do conteúdo e dos conceitos adquiridos (GASPARIN, 2021, p. 2342). É também o momento em que: “[...] o educando atingiu o nível do concreto pensado, é também todo o processo mental que possibilita análise e compreensão mais amplas e críticas da realidade, determinando uma nova maneira de pensar, de entender e julgar os fatos, as ideias. É uma nova ação mental.” (GASPARIN, 2021, p. 2346).

A experiência desse percurso levou a uma compreensão mais aprofundada sobre os valores afro-brasileiros e sobre as condições raciais no país, oportunizando aos estudantes e professores engajados novas ações como a elaboração de um artigo e participação no Ceará Científico 2021. Para além disso, considero que novas percepções sobre os temas puderam ser incorporadas a partir da pesquisa.

4. AFROJIN: HISTÓRICO DO PROJETO E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E INTERVENÇÃO (PLANO)

A temática das Relações-Étnico Raciais, como dito anteriormente, faz parte do meu percurso docente desde o ano de 2019. A experiência de projeto interdisciplinar intitulado Africanidades desenvolvido em uma EEEP da cidade de Fortaleza consolidou em minha práxis a inserção dos saberes negros brasileiros e africanos na proposta de planos de ensino a partir de então nos três anos do Ensino Médio, turmas onde lecionei e leciono atualmente.

Na EEEP de Guaiúba especialmente fui surpreendida, a partir do mês de Abril de 2021, momento em que fui lotada como professora efetiva, com um debate racial já iniciado nas turmas de 2º ano desta referida escola. Estes debates eram fundamentados pelo livro didático Sociologia em Movimento, em específico, pelo capítulo 5, intitulado Raça, Etnia e Multiculturalismo. Este capítulo trabalha conceitos sociológicos importantes para entendermos a dinâmica das relações raciais no Brasil. A partir dos momentos de debate sobre os conceitos de discriminação, preconceito, segregação, racismo, antirracismo, etnia e multiculturalismo várias inquietações foram mobilizadas pelos estudantes. Percebi além das dúvidas, a dificuldade em expressar as pertencas raciais, um silenciamento diante dos saberes relacionados às religiões afro-brasileiras, o que fora problematizado por estudantes. Tais inquietações posteriormente formaram as problemáticas que fundamentaram a pesquisa.

Durante as aulas apresentei também referenciais negros no estudo da Antropologia como: Kabengele Munanga e Lélia González. Lembro que minha fala nestas aulas era a de que, para além do que estava posto no livro didático, era preciso conhecer pesquisadores, cientistas e ativistas negras e negros que tanto construíram bases para a garantia de direitos sociais, civis e políticos às negras e negros no Brasil.

A partir da trajetória de Lélia González e Kabengele Munanga percebi maior engajamento à temática visto que trechos das obras dos autores foram apresentados e os estudantes se perceberam nestas produções. Um grupo de estudantes me procurou interessado em saber mais sobre autores e autoras negras e assim iniciamos conversas durante os intervalos sobre os mesmos.

Estava criada a gênese do que chamaríamos de AFROJIN. Posteriormente, falei com alguns alunos do 2º ano do curso de Agropecuária sobre meu interesse em pesquisar o contexto já que percebi além do engajamento dos estudantes alguns silenciamentos na escola, que bem refletem o cenário estrutural racista que organiza nossas vidas historicamente. Os estudantes se sentiram interessados em participar da elaboração da pesquisa e das ações que

pensaríamos ao analisarmos os dados da mesma. A priori, faríamos uma intervenção pensada em forma de oficinas e de uma rede social onde divulgaríamos as ações bem como informações relevantes sobre o tema e a pesquisa. Por conta das análises prévias que fizemos nas aulas, decidimos nos concentrar em pesquisar a pertença racial dos estudantes bem como o que estes pensam sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros musicalidade, corporeidade e religiosidade. Foi formada a equipe de pesquisadores (3 estudantes do segundo ano Agropecuária) e orientadora do projeto que intitulamos AFroJIN.

Tal pesquisa teve início com um questionário criado no google forms e divulgado a partir do instagram¹² do projeto, das idas em sala de aula pela equipe de pesquisadores e pela divulgação nos grupos de whatsapp das 8 turmas de primeiros, segundos e terceiros anos. Decidimos ampliar o público da pesquisa e os alunos dos primeiros anos foram inseridos e puderam participar respondendo ao questionário. Infelizmente os alunos dos terceiros anos só puderam participar da pesquisa visto que já estavam no estágio (momento em que os saberes técnicos dos dois primeiros anos são praticados), o que dificultaria a participação dos mesmos nas oficinas e demais ações do projeto.

As ações que planejamos se consolidaram em forma de oficinas já que percebemos que as vivências proporcionariam saberes mais significativos. As oficinas pensadas diante dos dados levantados pela pesquisa foram: oficina de valorização das estéticas negras a partir da fotografia, oficina de percussão com um grupo de percussionistas da cidade, oficina de capoeira, oficina de jogos africanos e afro-brasileiros e roda de conversa sobre religiosidades afro-brasileiras.

A pesquisa e seus respectivos resultados foram apresentados em forma de artigo no Ceará Científico em 2021¹³. Iniciativa realizada pela SEDUC¹⁴ desde 2007, o evento Ceará Científico, busca incentivar a pesquisa nas escolas. Segundo o site da SEDUC a ação:

Tem como princípio popularizar as ciências e promover o desenvolvimento de tecnologias, estimulando a investigação, a inovação e a busca de conhecimentos de forma cotidiana e integrada com toda a comunidade escolar. Os projetos escolares são desenvolvidos pelos estudantes, sob orientação de seus professores, estabelecendo relações dinâmicas dos conhecimentos específicos das disciplinas da base comum do Ensino Fundamental e Médio, com problemáticas sociais, culturais e ambientais; incentivando a construção de projetos que promovam a integração curricular enaltecendo a interdisciplinaridade e/ou a transdisciplinaridade com foco

¹² https://www.instagram.com/afro.jin?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw==

¹³ Resultado Ceará Científico 2021 com a aprovação do AFROJIN. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2021/08/resultado_ceara_cientifico_2021.pdf>. Acesso em 08 mai 2024.

¹⁴ Secretaria de Educação do Estado do Ceará

na sustentabilidade. (SEDUC, em: www.seduc.ce.gov.br/ceara-cientifico, acesso em: 20 de Novembro de 2022).

O Ceará Científico promoveu no ano de 2021 várias áreas de pesquisa em que os jovens pesquisadores e seus orientadores poderiam se inscrever e uma das áreas foi a de estudos em relações étnico-raciais. Esta área bem como as demais passou por fases eliminatórias. A primeira das fases é a escolar, a segunda é a regional (onde o projeto compete diretamente com as escolas de toda a região) e, por fim, temos a etapa estadual (onde o projeto compete com escolas de todo o Estado).

Na etapa escolar o AFROJIN foi inscrito como único projeto da área de Ciências Humanas e Relações Étnico-Raciais. Percebi nitidamente o esgotamento dos colegas professores bem como dos estudantes no quarto período letivo, momento em que o evento ocorre. Na segunda etapa, fomos escolhidos como projeto que representaria a CREDE 01 (Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação) e na etapa estadual fomos premiados com o segundo lugar. Nas duas últimas fases um artigo nos moldes científicos¹⁵ foi criado pelos estudantes pesquisadores, orientados por mim e este foi lançado na Revista Ceará Científico, Volume 1, Número 1, de Dezembro de 2022.

Caracterizo a intervenção didática a partir da pesquisa-ação como uma metodologia ativa. De acordo com Torres e Gonçalves (2019), citando uma análise de Paiva (2016), sobre estes recursos didáticos esclarecem:

Os tipos de metodologias ativas identificadas foram as seguintes: Aprendizagem baseada em problemas; Pedagogia da problematização; Arco de Margueret; Estudos de caso; Grupos reflexivos e grupos interdisciplinares; Grupos de tutoria e grupos de facilitação; Exercícios em grupo; Seminários; Relato crítico de experiência; Mesas-redondas; Socialização; Plenárias; Exposições dialogadas; Debates temáticos; Leitura comentada; Oficinas; Apresentação de filmes; Interpretações musicais; Dramatizações; Dinâmicas lúdico-pedagógicas; Portfólio; Avaliação oral (autoavaliação, do grupo, dos professores e do ciclo). É interessante notar que essas metodologias podem atuar em conjunto entre si, dentro de uma mesma disciplina (TORRES E GONÇALVES, 2019, p. 6).

Os tipos de metodologias ativas escolhidas foram a pesquisa, oficinas e rodas de conversa já mencionadas anteriormente.

A intervenção também contou com uma sequência didática criada por mim e referenciada por documentos legais, produções afro-brasileiras e utilização da pedagogia

¹⁵ AFROJINS: racialidade e afrossaberes na escola. Disponível em: <https://periodicos.seduc.ce.gov.br/cearacientifico/article/view/672/225>>. Acesso em 08 mai 2024.

histórico-crítica como fundamentação didática utilizada. Abaixo trago a sequência didática em suma:

RACIALIDADE E AFROSSABERES NAS AULAS DE SOCIOLOGIA.

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM BASE NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA:

1. Prática Social Inicial do Conteúdo:

1.1 Temática: RACIALIDADE E AFROSSABERES

1.2 Título: Bença, mãe. Bença, vó: Racialidade e Afrossaberes presentes nas juventudes.

Ano: 2º Ano do Ensino Médio

Tempo previsto: 8 aulas de 50 minutos. (1 bimestre letivo).

1.3 Listagem do conteúdo:

- Cultura para a Antropologia, Diversidade Cultural Brasileira.
- Preconceito, Discriminação, Segregação.
- Raça, Etnia, Racismo e Etnicidade.
- Autodeclaração racial e saberes negros no contexto escolar: análise dos dados da pesquisa realizada por estudantes e professora.
- Afrossaberes: Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade.

1.4 Objetivos: As aulas têm como objetivos reconhecer a presença das culturas negras nas juventudes a partir do estudo e das vivências sobre racialidade e afrossaberes.

1.5 Vivência cotidiana do conteúdo

a) O que os alunos já sabem sobre o conteúdo: Os estudantes, a partir da formação no Ensino Fundamental e também no Ensino Médio (1º ano do Ensino Médio), percebem dimensões destes valores negros como a corporeidade e a musicalidade. A partir dos saberes das aulas de Sociologia eles também já terão conhecimentos sobre Cultura, Raça, Etnia, Racismo Estrutural, conceitos fundamentais para a compreensão da proposta aqui prevista, porém convém iniciar a sequência didática revisitando estes conceitos antropológicos e sociológicos para que as demais aulas sejam compreendidas.

b) O que os alunos gostariam de saber a mais: Muitos estudantes têm dúvidas e/ou curiosidade sobre estes valores: Religiosidade, Corporeidade e Musicalidade, os mais citados na pesquisa qualitativa realizada na escola. Há envolvimento no senso comum um racismo estrutural que visa limitar ou silenciar a presença das raízes afro-brasileiras em nosso cotidiano. Muitos estudantes têm o desejo de conhecer e se aprofundar, porém, os conhecimentos escolares ou de outros meios educacionais e ideológicos limitam-se a datas comemorativas e/ou práticas fragmentadas.

2. Problematização

2.1 Discussão sobre problemas significativos:

- Pergunta Central: Como me autodefino racialmente? Em quais ideias e práticas juvenis estão presentes os afrossaberes Religiosidade, Corporeidade e Musicalidade?
- O que é cultura?
- Como nossas culturas no Brasil foram construídas? Há diversidade?
- Quais as diferenças entre culturas em nossa realidade?
- Como podemos observar a presença das culturas negras em nossas vidas? Estas são valorizadas?
- A reflexão sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros contribui para a construção de uma sociedade antirracista?

2.2 Dimensões do conteúdo a serem trabalhadas

- **Conceitual/ científica:** Cultura – conceito antropológico, Afrossaberes: Interdisciplinariedade com as outras disciplinas da área de Ciências Humanas. Raça a partir de Kabengele Munanga. Racismo: embasamento a partir das produções de Kabengele Munanga (2004), Lélia Gonzalez (1984) e Florestan Fernandes (2008).
- **Histórica:** Saberes e valores africanos presentes desde o Brasil colonial. Saberes estes violentados pelo processo de escravidão e pelas desigualdades sociais e, sobretudo, raciais construídas no Brasil.
- **Econômica:** Como a vida social e econômica brasileira, sobretudo cearense, pode ser percebida a partir das ações de sobrevivência das negras e negros histórica e socialmente. Como mão de obra escravizada e agora como mão de obra assalariada ainda são as negras, em especial, que cuidam, educam e embalam os filhos e filhas das classes dominantes do país.

- **Social:** Por que há dificuldade em expressarmos alguns valores afro-brasileiros? Se não valorizamos é porque estes não estão presentes em nossas vidas? Como o racismo tenta silenciar estas experiências, sobretudo, no Ceará?
- **Política:** Como o poder político vigente age na tentativa de silenciamento destes valores? Em qual momento político estes valores passaram a ser difundidos como política educacional e pública?
- **Legal:** Lei 10.639/03 o que ela propõe?
- **Ideológica:** Como as mídias dão visibilidade a estes valores? Há apropriação cultural? Há de fato valorização das culturas negras ou há apenas utilização destas como bens de consumo? Como estudar tais saberes rompe com a visão eurocêntrica e colonial tão presente em nosso sistema educacional?
- **Filosófica:** Por que falamos em **valores** civilizatórios afro-brasileiros ou afrossaberes? Quais visões de mundo partem destas pertencas culturais?
- **Religiosa:** Como os saberes religiosos afro-brasileiros estão presentes em nossas vidas?
- **Ética:** Como o reconhecimento destes valores favorece o respeito à diversidade?

3 Instrumentalização

3.1 Ações didático-pedagógicas:

1º Encontro: (Duração de 50 minutos)

- Apresentar as definições de Preconceito, Discriminação e Racismo a partir do Livro Didático Sociologia em Movimento;
- Momento para questionar os estudantes sobre como se originaram os principais preconceitos e discriminações existentes.
- Definição de Racismo a partir do Livro Didático Sociologia em Movimento;
- Apresentação de dados do IBGE sobre discriminação racial no país;

2º Momento:

- Autodefinição racial: Por que o IBGE trabalha com essa categoria ao fazer o Censo e pesquisas em geral sobre a população brasileira?

- Definição do Mito da Democracia Racial a partir de Lélia González e Florestan Fernandes;
- Movimentos Negros e a definição de negros no Brasil;
- Quando nos descobrimos negros (as)? Análise da poesia Me gritaram NEGRA de Victoria Santa Cruz;
- Atividade para casa: Reconte sua história de vida a partir de um pequeno texto, poesia, música, paródia etc.

3º Encontro: (Duração de 50 minutos)

- Recontando a minha história de vida: espontaneamente alguns alunos poderão apresentar sinteticamente suas histórias de vida;
- Os alunos são apresentados a imagens que fazem referência aos valores afro-brasileiros ou afrossabres e para cada imagem é pedido que digam o que pensam, o que entendem sobre estas e como elas expressam aspectos culturais;
- Utilização da ferramenta virtual wordclouds.com para construirmos uma nuvem de palavras sobre o que pensamos e sabemos sobre culturas negras;
- Cada aluno observa em sua vivência se há algum aspecto das culturas negras presentes;
- Apresentação do tema: Valores Civilizatórios Afro-brasileiros/Afrossaberes;
- Leitura compartilhada e dialógica de algumas partes do texto didático sobre valores civilizatórios afro-brasileiros/Afrossaberes.

4º Encontro: (Duração de 50 minutos)

- Escolha de algumas alunas e alunos para recitar e/ou cantar a produção musical “Bença” de Djonga.
- Roda de Conversa sobre Afro-religiosidades com a participação da Doutora Sílvia Maria Vieira Santos da Equipe ERER-SEDUC;

5º Encontro: (Duração de 50 minutos)

- As estéticas negras a partir da fotografia: Oficina com a presença do fotógrafo guaiubense Gabriel Frank que aborda a questão racial em suas produções artísticas;

6º Momento: (Duração de 50 minutos)

- Divisão das turmas em equipes para estudo sobre os Afrossaberes Religiosidade, Corporeidade e Musicalidade no contexto local e nacional;
- Criação de posts de redes sociais (via Canva e outros aplicativos de criação e design de postagens) sobre a Religiosidade, Corporeidade e Musicalidade negras no Brasil e no Ceará especialmente;

7º Momento: (Duração de 50 minutos).

- Análise das produções coletivas;
- Divulgação dos posts no Instagram do Projeto AFROJIN (afro.jin).

8º Momento: (Duração de 50 minutos)

- Avaliação da proposta: momento para ouvir os estudantes sobre como se perceberam diante das vivências, estudos e pesquisas.

3.2 Recursos Humanos e materiais

- Google Meet
- Texto didático: Valores Civilizatórios Afro-brasileiros;
- Ferramenta wordclouds.com
- Canva
- Youtube
- Fotos: arquivo institucional do Projeto Africanidades 2019 e imagens da internet.
- Instagram do Projeto: Africanidades7 e AFROJIN

3.2.1 Texto Didático:

VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS/AFROSSABERES



Os valores civilizatórios afro-brasileiros ou afrossaberes são um conjunto de características formado por meio das várias influências étnicas que existem no povo brasileiro, mas ainda assim reconhecendo-os como valores herdados de nossos ancestrais africanos. São elementos estruturantes das sociedades africanas que antes da invasão europeia tinham condições de vivenciar suas culturas de maneira autônoma, apesar das muitas influências estrangeiras e dos conflitos internos. Tais valores africanos foram ressignificados na diáspora negra¹⁶ e, ainda que ameaçados pelo contexto histórico de subalternidade¹⁷ a que os negros foram submetidos, resistiram ao colonialismo e à escravidão, estruturando as identidades e relações sociais exatamente da afirmação social existencial do homem negro, que implica na continuidade transatlântica de seus princípios e valores transcendentais¹⁸.

Neste sentido, por considerar que a influência negra africana foi estabelecida e

¹⁶ O termo *diáspora* tem a ver com dispersão e refere-se ao deslocamento, forçado ou não, de um povo pelo mundo. A diáspora africana é o nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados. Junto com seres humanos, nestes fluxos forçados, embarcavam nos *tumbeiros* (navios negreiros) modos de vida, culturas, práticas religiosas, línguas e formas de organização política que acabaram por influenciar na construção das sociedades às quais os africanos escravizados tiveram como destino. Estima-se que durante todo período do tráfico negreiro, aproximadamente 11 milhões de africanos foram transportados para as Américas, dos quais, em torno de 5 milhões tiveram como destino o Brasil.

¹⁷ Estado ou sensação de dependência, de inferioridade; subalternação, subserviência, subordinação.

¹⁸ Aquilo que ultrapassa, atravessa tempos.

disseminada mundialmente por meio da diáspora, percebemos que esses valores estão contidos em cada um de nós brasileiros e estão entrelaçados, “possibilitando que as conexões sociais sejam compreendidas a partir dessa dimensão civilizatória, inscritos em nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração”.

FONTE: Projeto A cor da Cultura, Portal Géledes, 2020.

PRIMEIRO VALOR CIVILIZATÓRIO AFRO-BRASILEIRO QUE ESTUDAREMOS: RELIGIOSIDADE.

Para os pensadores clássicos da Sociologia o estudo das religiões é de grande importância para a compreensão da sociedade. Para Karl Marx a religião é uma forma humana de buscar conforto diante das desigualdades existentes. Para Émile Durkheim “a religião é um todo formado por partes distintas e relativamente individualizadas, configurando como um sistema mais ou menos complexo de mitos, dogmas, ritos e cerimônias (DURKHEIM, p. 67, 1989). Max Weber (2013) compreende a religião como promotora de condutas validadas como corretas e éticas. Em sua obra A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo o sociólogo demarca a relação entre protestantismo e o comportamento capitalista. Os princípios desta religião reforçam, segundo Weber, a visão de mundo capitalista baseada na valorização do trabalho e o enriquecimento por predestinação.

Para as culturas negras, religiosidade é mais do que religião: é um exercício permanente de respeito à vida e doação ao próximo. A propósito, em tempos de tanta violência gratuita, vale pontuar que a vida é um dom divino, de caráter transcendental, e deve ser usada para cuidar de si e do outro.

“A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se de tudo, a comunicação com os mais velhos, com os mais novos, o trabalho em grupo fazendo-se o que gosta ou que não gosta; e, sobretudo, aprende-se o gosto pela vida, numa estreita relação com o Orixá” (Mãe Stella)

CANDOMBLÉ

O candomblé não é um único culto religioso, mas antes uma série de cultos estreitamente aparentados, à semelhança de outras religiões que possuem diversas

denominações, com algumas diferenças nos preceitos teológicos e no ritual. Os vários templos e vertentes do candomblé são normalmente agrupados em "nações", sendo a mais conhecida e disseminada nos meios de comunicação a chamada nação queto. Juntamente com outras nações como efã, ijexá, nagô e mina-nagô, ela pertence ao tronco conhecido como iorubá, com origens africanas localizadas em partes da Nigéria e do Benim. Existem ainda candomblés de nações angola e jeje, entre outras menos conhecidas. O nome candomblé está historicamente associado aos cultos da Bahia, mas religiões semelhantes recebem outras denominações regionais, como xangô em Pernambuco, tambor de mina no Maranhão e batuque no Rio Grande do Sul. O termo candomblé, contudo, tem se disseminado para outras regiões do Brasil e para outros países à medida que a religião ganha mais adeptos. Até por conta dessas variações, algumas pessoas preferem simplesmente denominar esse conjunto de cultos com o nome de religião dos orixás, deixando de lado as diferenças entre eles.

Sabe-se que, na Nigéria e no Benim, mais de quatrocentas divindades eram cultuadas no total. No Brasil, contudo, a maior parte dos templos de candomblé reconhece em torno de 20 orixás diferentes, cada qual associado a um aspecto do mundo natural ou humano. Por exemplo, no rito queto, enquanto Ogum é o orixá da metalurgia, da guerra e da agricultura, Oxum é uma divindade feminina ligada à água doce, à beleza e à vaidade. Nenhum orixá é completamente "bom" ou "mau". Como os homens, com os quais se assemelham, eles são capazes do melhor e do pior, têm defeitos e qualidades e exibem características que podem ser produtivas em alguns contextos e destrutivas em outros. Cada orixá pode se subdividir em algumas "qualidades" ou "manifestações" particulares, cada qual associada a uma passagem ou episódio de sua mitologia: assim, enquanto Oxaguiã é o Oxalá jovem e está associado à cultura material, Oxalufã é o Oxalá velho e se associa à criação do homem. Em muitos templos, cada orixá tem um correspondente entre os santos católicos: assim, é comum que Iansã, orixá que comanda as tempestades, seja associada a Santa Bárbara. Enquanto na África cada templo é dedicado a apenas uma divindade, os templos ou terreiros do candomblé, ainda que tenham um orixá patrono, dedicam-se ao conjunto total das divindades.

Os nomes das divindades, bem como sua importância relativa na mitologia, podem variar de acordo com as nações. Nos candomblés angola, por exemplo, elas são chamadas inquices, enquanto o candomblé jeje as denomina voduns. Utilizamos aqui a terminologia iorubana porque é a mais conhecida e disseminada. Outras divindades também são cultuadas

nos terreiros de algumas nações. Assim, alguns templos angola incluem entre suas entidades, além dos inquices, também os caboclos, ou entidades às quais se atribui origem indígena. No tambor de mina, além dos voduns, os fiéis também cultuam entidades femininas infantis conhecidas como tobossas.

Os participantes de cada terreiro se dividem em uma hierarquia organizada de acordo com o grau de proximidade do fiel com as divindades. Segundo o candomblé, toda pessoa tem seu espírito ligado a um orixá específico – ou a um conjunto de orixás, em alguns casos. Atribui-se ao indivíduo características de personalidade condizentes com seu orixá patrono. Essa ligação pode ser estreitada por meio de uma complexa série de rituais de iniciação, os mais simples dos quais são a lavagem do colar de contas e o bori, cerimônia destinada a fortalecer o espírito do fiel e prepará-lo para o contato direto com o orixá. Esses estágios iniciais podem ou não se desdobrar na iniciação completa, por meio da qual o fiel, então chamado iaô ou filho-de-santo, torna-se um veículo de seu orixá na terra. Durante as cerimônias e festas públicas do candomblé, os filhos-de-santo são possuídos pelos seus orixás: neste importante momento do transe divino, o iniciado entra em uma espécie de estado de inconsciência enquanto o orixá "baixa" e toma o controle de seu corpo para dançar e encenar cenas míticas. Um filho-de-santo que tenha se iniciado há sete anos pode ganhar o título de ebômi e então ocupar diversos cargos especializados no terreiro, culminando nos títulos de babalorixá ("pai-de-santo") ou ialorixá ("mãe-de-santo"), autoridades espirituais máximas de cada templo. Em cada um desses estágios, o fiel fortalece sua força espiritual - o axé - e seus laços com o orixá, entrando em contato com saberes rituais e mitológicos cada vez mais restritos. Contudo, também se sujeita a restrições e tabus progressivamente maiores.

Além dos iniciados propriamente ditos, todo terreiro possui um número de fiéis que não completaram sua iniciação (alguns dos quais jamais chegam a completá-la) e que não são possuídos pelos orixás. Trata-se dos ogãs e das equedes, que executam tarefas fundamentais do rito, como tocar os tambores ou paramentar e auxiliar os filhos-de-santo enquanto estes se encontram no transe divino. Por fim, nem todas as pessoas que frequentam um terreiro ou recorrem à ajuda dos orixás participam ativamente do culto. Muitos comparecem apenas para presenciar a beleza das cerimônias, enquanto outros realizam consultas particulares com os babalorixás e ialorixás, nas quais estes normalmente consultam a vontade dos orixás por meio do jogo de búzios e orientam os clientes a respeito de como propiciar os deuses para obterem a solução para seus problemas.

A parte mais pública e conhecida do candomblé são os toques, como são chamadas as

cerimônias e festas públicas da religião. Cada terreiro possui um calendário litúrgico com diversas festas em homenagem aos diferentes orixás. Destacam-se as cerimônias que iniciam o ano-novo do calendário do candomblé, entre agosto e setembro, como as do “Inhame Novo” ou as “Águas de Oxalá”, bem como o ciclo de festas que se estende entre setembro e dezembro, homenageando várias divindades na sequência. Além disso, os orixás podem ser cultuados em várias outras circunstâncias.

Muitas vezes se dá demasiada atenção às festas do candomblé, que são seu aspecto mais público e visível, deixando de considerar que a religião dos candomblés também corresponde a toda uma visão de mundo. O candomblé propõe uma relação bastante individualizada entre o fiel e o orixá que é seu patrono. Com isso, sua diversificada mitologia fornece um instrumento a partir do qual organizar e compreender melhor a diversidade dos homens e de suas ações no mundo e orientar o comportamento das pessoas. Embora reconheça divisões e às vezes até conflitos entre os orixás e seus filhos, também afirma que o universo só se sustenta a partir de uma trama de comunicações, interações e complementaridades entre as partes. Cada fiel deve render homenagem a seu orixá, mas é toda a comunidade que se beneficia das bênçãos coletivas do conjunto dos orixás. O que seria de uma comunidade que preza pela guerra de Ogum, mas é incapaz de promover o amor de Iemanjá? Assim, o candomblé ensina a seus fiéis que diferentes tipos de ação ou personalidade, diferentes fenômenos da vida cotidiana, antes de serem intrinsecamente bons ou ruins, são necessários à continuidade saudável da vida desde que se exerçam com harmonia. Além disso, o candomblé está longe de oferecer apenas força espiritual para os filhos-de-santo, pois esta vem sempre acompanhada de restrições e obrigações que correspondem também às suas responsabilidades perante os deuses e as comunidades das quais são apenas uma parte.

UMBANDA

As tradições de vestir branco no Ano-Novo, pular sete ondas e depositar flores no mar têm tudo a ver com essa religião. Se você já fez alguma dessas coisas, você já praticou um pouquinho de Umbanda. É a religião dos Pretos Velhos, Caboclos, entre outras falanges de espíritos de luz que através de seus médiuns vestidos de branco e pés descalços, realizam atendimentos espirituais regados a boas conversas, conselhos, benzimentos e os famosos passes mediúnicos. Essas falanges trabalham no dia de suas giras e geralmente esses espíritos

representam um Orixá.

Os Orixás são como os santos da igreja católica, inclusive existe um sincretismo entre eles, Ogum é São Jorge, Xangô é São Jerônimo, e assim por diante. Deus para os umbandistas é um só, e o nome dele pode ser Nzambi, Olorum, Tupã, Deus, God, dependendo da língua que você fala.

Além de monoteísta a umbanda é cristã pois recebeu influência do Catolicismo romano e do Kardecismo francês, além do Candomblé africano e das crenças indígenas tupiniquins. Seus adeptos acreditam na vida espiritual após a morte, na reencarnação e na lei do carma. Praticam a caridade dentro e fora dos terreiros e não cobram absolutamente nada por seus trabalhos religiosos. Qualquer coisa diferente disso, acredite, não é Umbanda. A Umbanda não pratica sacrifício de animais e toma a natureza como sagrada, protegendo-a desde muito antes do assunto "ecologia" ser tão atual. Em tempo, "Macumba" é apenas um instrumento musical africano.

ORIGENS DA UMBANDA

O povo bantu começou a chegar do sul da África, mais precisamente da região de Angola a partir de 1560, (diferente dos nagôs, povo Iorubá, que aportou por aqui a partir de 1800 vindos do Norte, região da Nigéria). Esses escravos bantus acreditavam na incorporação e comunicação de eguns (espíritos de antepassados desencarnados), assim como nossos índios tupiniquins. Porém, se na Umbanda, chamamos nossos Orixás de "Orixás" e não de Voduns ou Inquices, se nosso Orixá do Trovão é Xangô e não Quevioso ou Nzazi, estamos falando na língua Iorubá, que é a língua na nação Ketu/Nagô, e este é sem dúvida o culto de nação do qual mais herdamos elementos na nossa liturgia, a exemplo da própria teogonia.

Isso porque, como já dissemos, o povo nagô, que fala iorubá, chegou aqui no Brasil em uma época bem diferente do povo bantu. Foi por volta de 1800, portanto, já no século onde se chegaria à Lei Áurea. Com isso, foi um povo que teve menos dificuldade para se organizar e preservar melhor sua língua e cultura que acabou se tornando a língua do axé afro-brasileiro de um modo geral. Mas os Iorubás não acreditam na comunicação com os eguns, os Bantu e os índios brasileiros sim, os Iorubás acreditam que somente o Orixá incorpora e somente o contato com estes é benéfico, enquanto os Bantu e os Índios brasileiros acreditam que espíritos de nossos antepassados também podem se comunicar pelos meios do transe.

Neste caso, podemos afirmar que somos mais parecidos com o povo Bantu, ou melhor dizendo, que a origem da Umbanda se deu do encontro do escravo Bantu com o índio nativo, este último já catequizado pelos portugueses, portanto meio "acaboclado" como se dizia na época, e desse encontro cultos populares que misturavam santos católicos, crenças indígenas e práticas africanas foram aparecendo. O catimbó nordestino, a jurema dos mestres, os batuques cariocas e sulistas, são exemplos do resultado desse encontro.

Podemos dizer que o candomblé ketu/nagô dos iorubás ficou preservado e repete no Brasil a forma como se cultuava na África. Já a crença dos escravos bantu quase se perderam, ou melhor, se misturaram com as crenças de nossos índios/caboclos mais ou menos convertidos ao cristianismo, dando origem aos primeiros cultos que futuramente se conheceria como a grande religião popular e 100% brasileira chamada Umbanda.

A própria palavra Umbanda ou "embanda" são oriundos da língua quimbunda de Angola, significando "magia", "arte de curar" Também era conhecida a palavra "mbanda" significando "a arte de curar" ou "o culto pelo qual o sacerdote curava", sendo que "mbanda" quer dizer "o Além, onde moram os espíritos".

FONTES: Projeto A cor da Cultura (acesso em Outubro de 2020), Museu Afro Brasil (<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/manifestacoes-culturais/candomble>), (Portal Giras da Umbanda (disponível em <https://girasdeumbanda.com.br/umbanda.php>), A Colonialidade destrói, Valores Civilizatórios Afro-brasileiros reconstroem (disponível em www.e-publicacoes.uerj.br)

SEGUNDO VALOR CIVILIZATÓRIO AFRO BRASILEIRO QUE ESTUDAREMOS: CORPOREIDADE

Ao falarmos de corpo estamos nos referindo neste texto à definição que o sociólogo David Le Breton (2006) utiliza em sua obra Sociologia do Corpo: “Antes de qualquer coisa a existência e corporal” (LE BRETON, p.7, 2006). Trazendo tal análise para o nosso cotidiano podemos refletir que sobre como o nosso corpo carrega aspectos, símbolos sociais. Desta forma para além das áreas da saúde e biológica o corpo também é objeto de estudo da Sociologia quando este expressa sentimentos aprendidos coletivamente, ao simbolizar a identidade social a partir das tranças, cabelos crespos, tatuagens, ao comunicar publicamente comportamentos vistos como padrões (forma de se sentar, como comer uma refeição, cuidados com o físico e com a higiene pessoal).

Este conceito nos ensina a respeitar cada milímetro do corpo humano, que deve estar

presente em cada ação e em diálogo com outros corpos. As demandas corporais devem ser consideradas. Afinal, o corpo atua, registra nele próprio a memória de várias maneiras, seja através da dança, da brincadeira, do desenho, da escrita, da fala. Das músicas às danças, com tudo o que elas anunciam e denunciam. Os corpos dançantes revelam memórias coletivas. (referenciar) “Aprendemos que as danças circulam e que o corpo informa sobre a vida de cada dançarino” (Antônio Nóbrega)

JONGO



MARACATU



**TRANÇAS E CABELOS AFRO, TURBANTES, PINTURAS CORPORAIS
SÃO EXPRESSÕES DA CORPOREIDADE AFRO-BRASILEIRA**





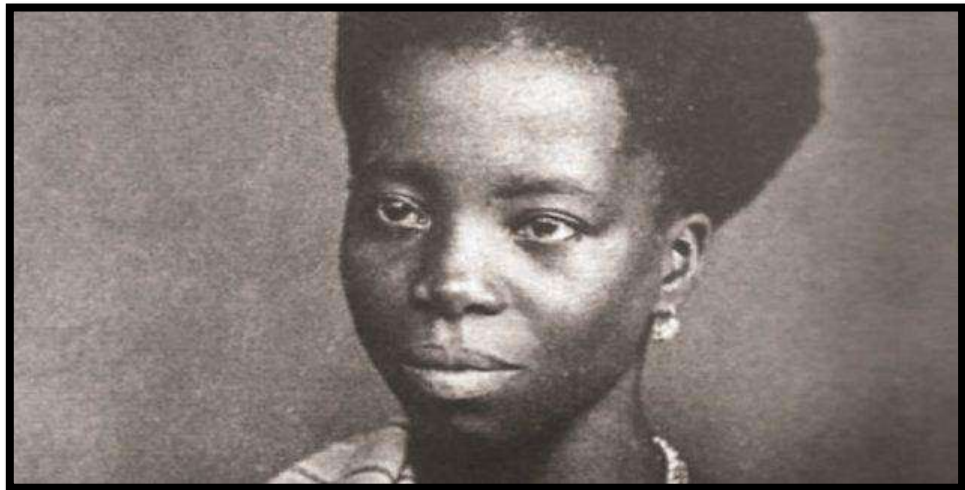
Fontes: https://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/files/2020/12/R%C3%89GISTEIXEIRA2019TCC_compressed.pdf,
<https://bibliotecadacapoeira.blogspot.com/2011/06/valores-civilizatorios-afrobrasileiros.html>

TERCEIRO VALOR CIVILIZATÓRIO QUE ESTUDAREMOS: MUSICALIDADE

A Sociologia da Música entende a musicalidade como um fenômeno social, como um processo de construção coletivo permeado por um “poder de fascínio, quase mágico” (BARRE, Jorge de La, p. 122. 2012).

Famosa no mundo inteiro pela sua qualidade incontestada, a música brasileira tem os dois pés bem fincados no Continente Negro. Quem resiste aos encantos de uma batucada? A musicalidade, a dimensão do corpo que dança e vibra em resposta aos sons só reafirma a consciência de que o corpo humano também é melódico e potencializa a musicalidade como um valor.

“O som é o ponto de partida dos primeiros habitantes do globo terrestre rumo à formação dos primeiros agrupamentos humanos que, no curso da evolução, irão constituir a nossa civilização. A importância da música, da qual o som é a matéria-prima, é superior à descoberta do fogo, ou à invenção da roda ou da imprensa” (Charles Murray)



Hilária Batista de Almeida, **a Tia Ciata**, foi a mais célebre das muitas baianas que se firmaram como lideranças da chamada Pequena África (região do Rio de Janeiro que ficava entre a zona portuária e o bairro da Cidade Nova). Sobretudo Ciata, mas também Amélia, Perciliana e outras exerciam influência religiosa sobre os que viviam por perto, e era em torno delas que se organizavam manifestações. *Pelo telefone*, que foi em 1917 a primeira música classificada como samba a fazer sucesso, nasceu na casa de Ciata.

O primeiro samba foi regravado neste ano por Djonga. Falando nele é importante ressaltar a cultura hip hop especialmente o rap como elemento negro que recebe várias referências afro-brasileiras. Em entrevista Djonga afirma:

“Minha família é uma família de preto, gosta de fazer festa demais, entendeu? E festa, uma das coisas que não pode faltar é música. Então, eu cresci ouvindo muita música, de tudo quanto é estilo que você imaginar”, conta Gustavo Pereira Marques, o Djonga.

De Elza Soares, Milton Nascimento, Cazuza aos Racionais. Essa mistura ajudou Djonga a traduzir em rimas as desigualdades sociais, a violência que quando o assunto é racismo, Djonga não tem meias palavras. Coloca o dedo na ferida.

“Tipo, tem situações que você nunca imaginaria que seria possível você conseguir ser discriminado. Você é. E aí, diante disso, você começa a entender o tamanho da estrutura. E como que a gente tem que lutar de fato, e como que a luta é muito mais pesada e mais séria do que parece. Não é uma coisa só de boca para fora. E ainda assim, o lance era bater no peito e falar: ‘vamos longe’”, diz Djonga.

A música do rapper saiu da Zona Leste de Belo Horizonte e ganhou o mundo. E é em um estúdio, no quintal da casa da avó do Djonga que ele costuma fazer as gravações. Em cinco anos de carreira, ele já lançou vários sucessos. Os últimos estão entre os mais ouvidos na internet. A família está sempre ao lado. Dona Maria, a avó de 84 anos, é referência para ele e acompanha o neto até nos shows.

BENÇA

Djonga

E vai, e vai, e vai, e vai

Vó, como cê conseguiu criar 3 mulheres sozinha

Na época que mulher não valia nada?

Menina na cidade grande, no susto viúva

E daquela cor que só serve pra ser abusada

Você não costurou só roupa, né

Teve que costurar um mundo

De trauma, abdicação, luta

Pra hoje falar com orgulho

Que essa família não tem vagabundo

Aprendi no seu colo

Tenha medo de quem tá vivo e respeito por quem tá morto

Ouvindo desde novo: Cê já é preto

Num sai desse jeito, se não eles te olha torto

Fico pensando, uma cama pra quatro

*Ditadura na rua e o frio que trinca o corpo
 Onde mães fortes e generosas se criaram
 O que é do zotro não é meu
 Mas o que é meu tá aí pro zotro se precisar
 Na macumba ela é demais
 Dinheiro é pra quem precisa, aqui é só por caridade
 Pensando tudo que cê passou nessa vida
 E no fundo dos seus olhos não consigo ver maldade
 Vejo gente criando problemas
 Pra competir quem sofre mais, são covardes
 Olhe pra sua nega veia e entenda
 Que num é em blog de hippie boy que se aprende sobre ancestralidade...*



No rap acima Djonga fala da Ancestralidade a partir da referência de sua vó, linda homenagem a quem teve que superar tantas dificuldades por ser negra, da periferia, por ser mulher e ter que criar sozinha quatro filhas durante a Ditadura.

FONTE:<https://bibliotecadacapoeira.blogspot.com/2011/06/valores-civilizatorios->

afrobrasileiros.html, <https://www.tiaciata.org.br/tia-ciata/biografia>,
<https://www.letras.mus.br/djonga/benca/>, <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/13/rapper-djonga-e-o-unico-representante-brasileiro-em-premio-internacional-de-hip-hop.ghtml>.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Editora Martin Claret Ltda., 2013.

LE BRETON David. *Sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

LA BARRE, J. Sociologia e etnomusicologia: o diálogo. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 2012.
<https://doi.org/10.22409/antropolitica2012.0i32.a41463>

4. Catarse

4.1 Síntese Mental do Aluno:

O foco da roda de conversa, da leitura compartilhada e dialógica de partes do texto didático bem como das produções e pesquisas realizadas é possibilitar o reconhecimento da racialidade e dos valores afro-brasileiros especificados no plano em várias práticas sociais cotidianas, inclusive práticas culturais juvenis.

4.2 Expressões da Síntese:

Mediante os conhecimentos construídos sobre raça, etnia, afrossaberes e diversidade cultural na perspectiva sociológica construímos um questionário sobre autoidentificação racial e afrossaberes na Escola. Depois da pesquisa realizada os dados foram apresentados e analisados em sala. Com base nos dados a equipe de pesquisadores junto a orientadora criaram a proposta de uma roda de conversa sobre religiosidades e uma oficina sobre Estéticas Negras a partir da fotografia. Logo após a premiação no Ceará Científico os pesquisadores elaboraram um artigo contendo a pesquisa realizada e uma reflexão sobre os dados a partir da Sociologia.

Tivemos a elaboração de posts para a rede social do projeto contendo informações e conhecimentos adquiridos durante o percurso do plano. As postagens traziam personalidades negras dentro das dimensões da musicalidade, religiosidade e corporeidade. De igual forma houve a publicização da oficina sobre Estéticas Negras e a roda de conversa sobre religiosidades.

5. Prática Social Final:

5.1 Nova Postura Prática:

Reconhecimento da presença da racialidade e dos afrossaberes nas vidas juvenis;

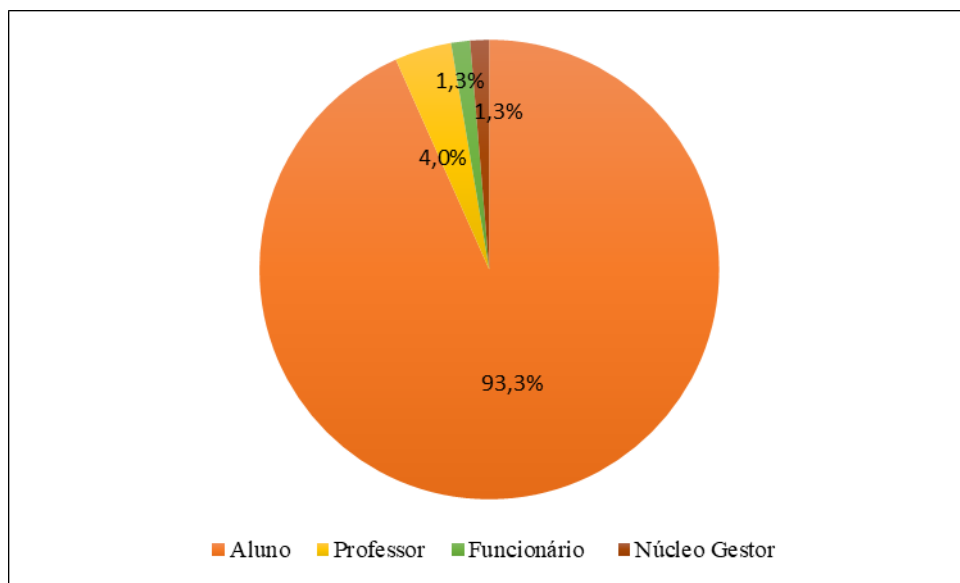
Valorização das culturas negras em diversas dimensões;

Postura antirracista.

5. A PESQUISA NA ESCOLA: ESTIMULANDO NOVOS CONHECIMENTOS

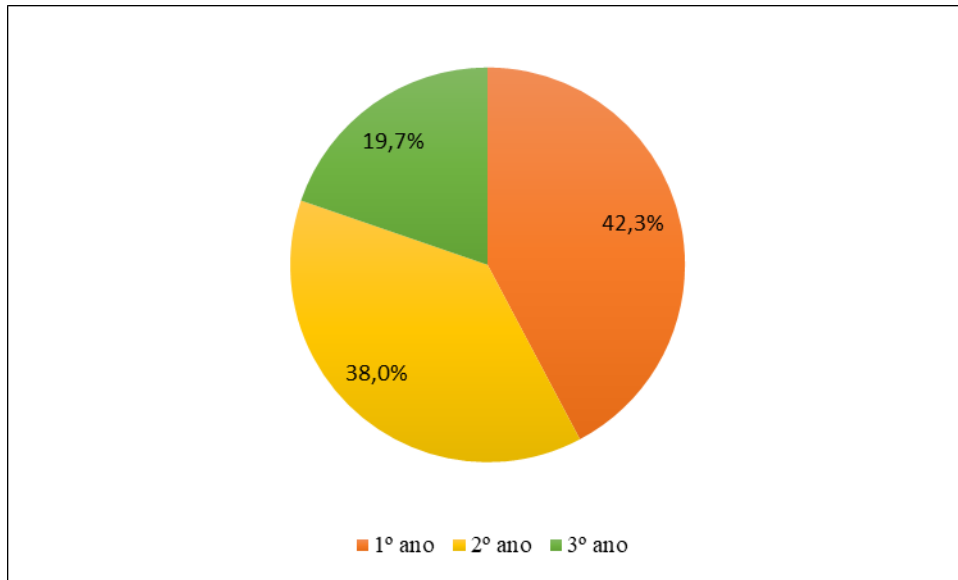
A sequência didática acima apresentada foi embasada por uma pesquisa realizada na escola. Três estudantes, que compunham a equipe do projeto com a professora, buscaram ir além e pesquisar o próprio contexto escolar a partir de uma pesquisa qualitativa e quantitativa criada em formulário google e respondida por alunos das turmas de 1º, 2º e 3º anos. Enquanto resultado temos:

Gráfico 1 - Participantes da pesquisa



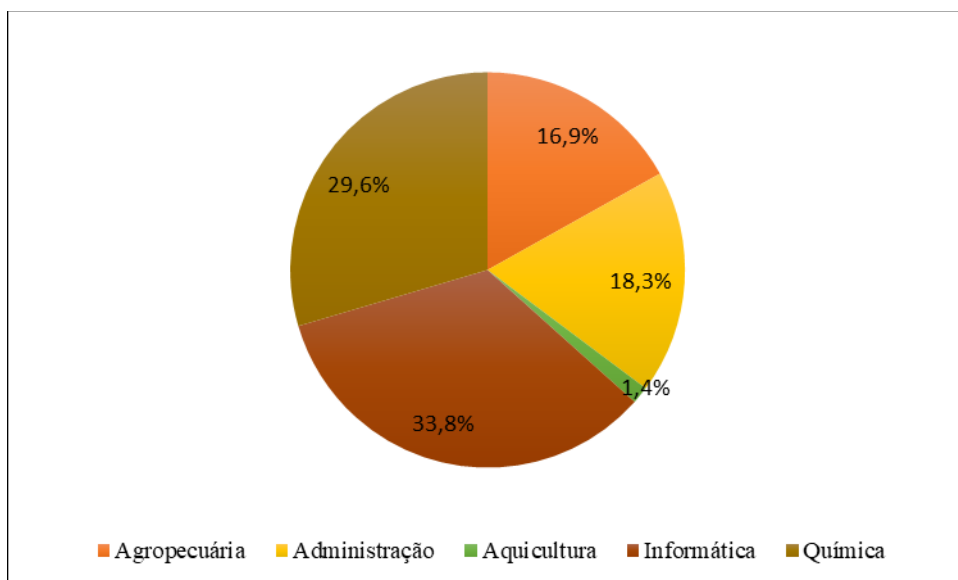
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Poucos professores, funcionários e apenas um gestor participou da pesquisa. A colaboração de poucos colegas de profissão e demais funcionários contrasta com a participação efetiva de muitos estudantes (75 estudantes).

Gráfico 2- Alunos participantes por ano

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Como esperávamos os alunos dos terceiros anos participaram de forma minoritária da pesquisa. Um dos motivos possíveis é a sobrecarga de atividades antes já mencionada neste trabalho.

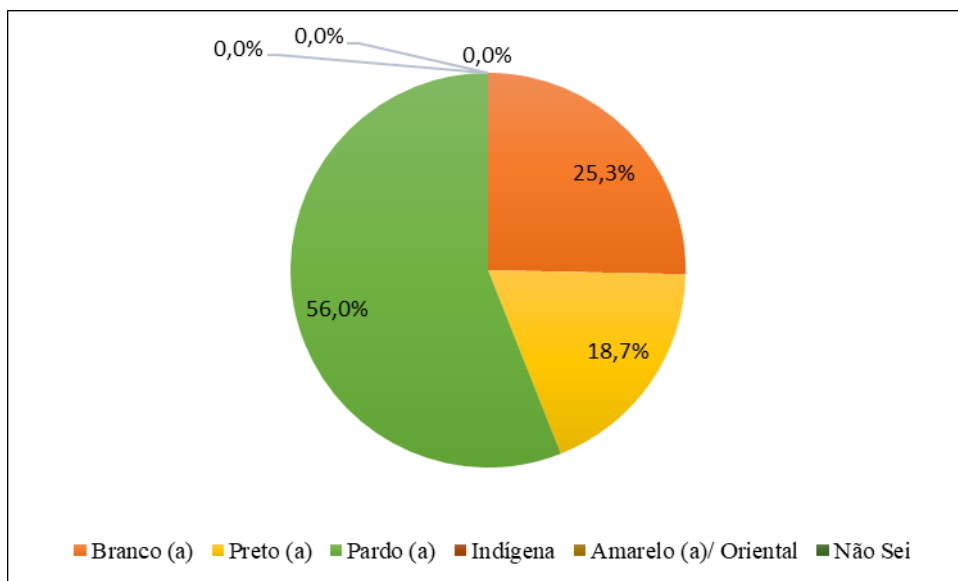
Gráfico 3 – Curso Técnico do estudante

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Dentre os cursos que mais participaram da pesquisa temos: Informática, Química e Administração. Ao analisar os gráficos me deparei com a participação intensa do curso de

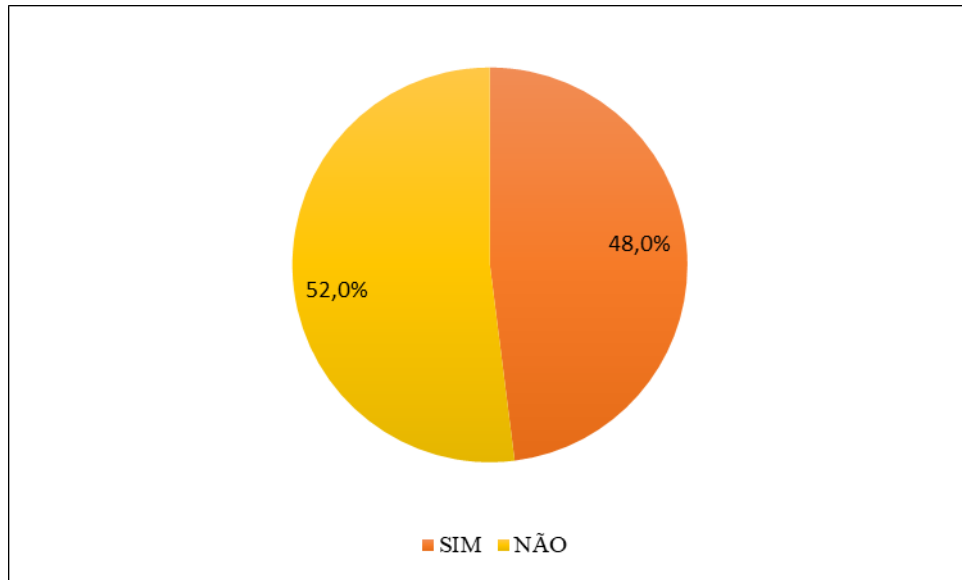
Informática. Lembrei-me dos estigmas que cercam cada curso. Geralmente os estudantes de informática são vistos como mais introspectivos e não adeptos a atividades de pesquisa, apresentações. Tal estigma não corrobora com a realidade dos dados no caso da nossa pesquisa. Inversamente a turma de Aquicultura tem uma participação mais tímida na pesquisa em relação as demais. No contexto há uma desesperança em relação a tal turma, o que a situou entre os invisibilizados do espaço escolar. Citando Goffman (1980) para quem o estigmatizado é: “Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana (mas) possui um traço que se pode impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 1980, p. 7) vejo que a comunidade escolar colabora diretamente para a construção destes estigmas enquanto valoriza sistematicamente as turmas com bons rendimentos. A meritocracia ainda se encontra vigente.

Gráfico 4 – Raça/cor dos entrevistados



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

De acordo com os dados sobre pertença racial obtidos na pesquisa temos uma maioria negra entre os alunos pesquisados, isto porque, vale lembrar, pardos e pretos são social e politicamente considerados negros. Cabe a instituição escolar e a Secretaria de Educação criar práticas que visibilizem esta comunidade juvenil. O projeto AfroJIN é uma das muitas práticas necessárias no contexto.

Gráfico 5 – Pessoas que se autodeclararam como negras

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Cinquenta e dois por cento dos alunos pesquisados se autodeclararam como negros. O dado se refere a uma consciência política que une pretos e pardos no Brasil e que os movimentos negros tanto se esforçaram para legitimar. Mesmo com a tentativa de branqueamento da população, mito da democracia racial, racismo estrutural o dado acima está em consonância com as mais recentes estatísticas do IBGE que indicam maior interesse e valorização em pertencer a comunidade de pretos e pardos. Segundo informações da Agência Brasil¹⁹ os dados do Censo 2022 indicam que 55,5% da população brasileira se identifica como preta ou parda. É a primeira vez na história dos Censos que a população preta e parda ultrapassa a população que se autodeclara branca. Temos, portanto, uma movimentação importante na consciência negra do país, algo que inicia na cor da pele e se prolonga pela consciência de que os afrossaberes são parte indissociável desta comunidade. Ao refletir sobre esta movimentação lembro das palavras de Lélia Gonzáles (1988)²⁰:

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude está na luta contra o racismo (...)” (GONZÁLES, 1988, informação verbal.)

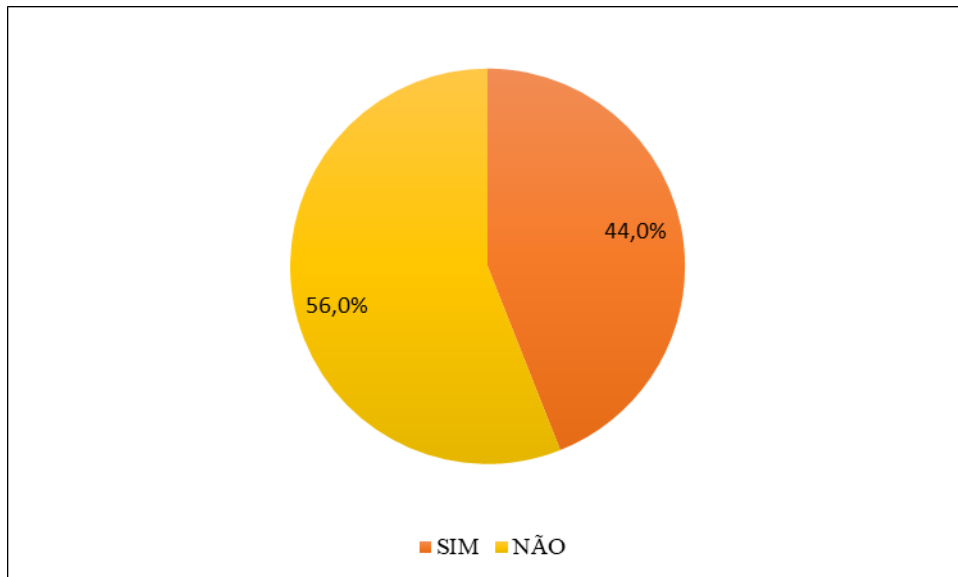
¹⁹<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/maior-presenca-de-negros-no-pais-reflete-reconhecimentoracial#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%20est%C3%A1%20tendo,identifica%20como%20preta%20ou%20parda.>

²⁰ Depoimento divulgado em 1988.

A análise feita por Gonzáles (1988) enfatiza a necessidade cotidiana de lutarmos contra o racismo e que as comunidades negras devem se organizar para tanto. Isto requer, a meu ver, uma educação antirracista mais solidificada em políticas públicas, um letramento racial que já observamos em diversos espaços sociais, mas que deve ser intensificado.

O “tornar-se negro” a que Gonzáles (1988) se refere vai além de uma autodeclaração individualizada. É parte de projeto coletivo de vida onde as mulheres negras sejam respeitadas e pagas por seus serviços de forma equânime em relação às mulheres brancas e homens brancos, onde os jovens negros possam sair de suas casas sem o receio de serem abordados e mortos pela própria polícia que devia defendê-los, onde os jovens sintam-se bem com suas estéticas, vivenciem suas produções culturais sem o temor de serem considerados “sem cultura” e que não sejam preteridos no amor e, em especial, que amem a si mesmos. Sobre o amor-próprio uma estudante relatou no questionário: “Comecei a me amar, ter mais autoestima e tal em 2018 quando passei a ver conteúdos na internet sobre o meu povo, ver meninas da minha cor se amando e exaltando nossa cultura”.

Gráfico 6 – As estéticas negras são valorizadas em nosso país?

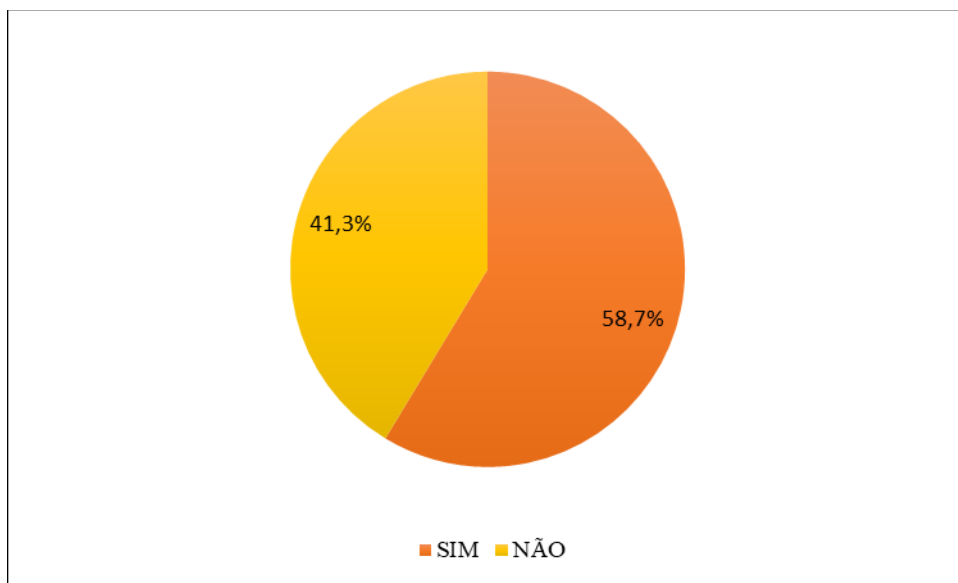


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Contemplando o saber afro-brasileiro da corporeidade foi perguntado no questionário se os jovens estudantes percebem se as estéticas negras são valorizadas em nosso país. Um pouco mais da metade dos participantes afirmou que não (cinquenta e seis por cento). Para aprofundar tal discussão outra pergunta foi realizada no questionário em forma de relato que os estudantes poderiam responder caso quisessem, esta com o foco no cabelo, elemento

estético que por vezes é questionado, visto como inapropriado socialmente. Uma estudante descreveu: “Ultimamente tenho ouvido muitos comentários sobre meu cabelo "preferia ele antes" "tá muito feio" etc e etc...”. Outro estudante mencionou: “Quando eu era criança sempre falavam do meu cabelo por ser "armado" demais. Para acabar com isso eu resolvi passar química e me arrependo até hoje”. O último relato nos faz perceber que essa colonialidade dos corpos inicia muito cedo, já nas primeiras interações com o mundo social e o cabelo é uma das vítimas de ridicularizações, apelidos, piadas etc.

Gráfico 7 – Se sentiu pressionado(a) diante dos padrões eurocêntricos e coloniais?



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Ao serem perguntados se já se sentiram pressionados(as) a mudar seu cabelo, seu corpo e sua forma de se vestir por conta dos padrões de beleza eurocêntricos (criados pela Europa) e coloniais (vindos da nossa herança como colônia de Portugal) quarenta e quatro por cento dos estudantes responderam que sim. Um dos relatos que me chamaram atenção é o de uma estudante que se autodeclara negra e que afirmou: “Sou uma Pessoa com uma auto-estima muito baixa, e tem vezes que eu tenho vergonha do meu próprio corpo”. Outra estudante que se autodeclara negra respondeu a pergunta com a frase: “Eu ã percebi nenhuma beleza em mim!” Muitas outras respostas afirmavam: “Nada a declarar”. Percebi a partir destes e de outros relatos a dificuldade dos estudantes em aceitar seus corpos. Um educação eurocêntrica impossibilita a diversidade estética, corporal que se expressa em nossa população e esta educação está presente em várias instâncias da vida social. Attilio, Corrêa e Rossi (2022) ao citarem Alves e Almeida (2021) refletem que:

“O corpo preto está imerso em relações de poder decorrentes de representações sociais que o configuram de forma negativa. Portanto, “Atacar o corpo preto submetendo-o a práticas constantes de racismo, cotidianamente, afeta a sua subjetividade e a percepção de si no mundo; em outras palavras, a própria existência”.(ATILLIO, CORRÊA, ROSSI, 2022, p. 3 *apud* ALVES, ALMEIDA, 2021)

Quadro 1 – Relatos sobre preconceito e/ou discriminação em relação ao seu cabelo

Não
Nunca
Ultimamente tenho ouvido muitos comentários sobre meu cabelo "preferia ele antes" "tá muito feio" etc e etc...
Quando eu era criança sempre falavam do meu cabelo por ser "armado" demais. Para acabar com isso eu resolvi passar química e me arrependo até hoje.
Não tenho nada a falar sobre isso
na infância tive que fazer alisar meu cabelo e depois ter q passar pela transição
Tenho a pele clara porem tenho o cabelo cacheado e antes algumas pessoas mandava eu alisar por que era mais "bonito"
Já sofri muito até pela minha família mesmo, por causa do meu cabelo.
Ja sofri muito preconceito, e discriminação por ser preto, fui excluído de muitos grupos, recebi opiniões não agradáveis e etc.
Bom, nunca sofri ou vi alguém sofrendo discriminação por conta do cabelo mais já ouvi relatos de pessoas brancas que foram xingadas por causa do cabelo , as pessoas diziam " esse cabelo não é de sua dependência você deveria sentir vergonha" (relacionando ao black power)
N aconteceu
já pediram para eu alisar o cabelo porque ele ficaria mais bonito
Não tenho nada a falar.
Uma vez eu estava vindo do meu curso de informática em um meio de transporte público coletivo. E havia alguns rapazes que aparentavam ser africanos que vieram para o Brasil. Eles tinham os cabelos trançados e algumas pessoas evitavam olhar e sentar no espaço que estava vago ao seus lados e até ficar em pé no corredor em frente de seus bancos. Eles olhavam com repugnância e preconceito para eles.
Sim, já fui vítima de preconceito, na minha antiga escola, meus colegas me davam apelidos por eu ter um olho grande! Mas eu nunca fui de ligar para esses apelidos, eu encarava eles como divertidos!
Bom na sinceridade eu já sofri alguns bully na escola, mas não teve nada de violência e durou pouco tempo. As vezes foi por causa da minha forma física e do meu jeito de expressar.
Nao percebi nenhum preconceito
Não uma situação específica, porém, já vi várias vezes pessoas com cabelo cacheado/crespo, em especifico crespo sendo chamados de cabelo de vassoura, bombril e etc...
A infância toda ouvi piadinhas sobre o meu cabelo ser "bucha" de lavar louça, já cantaram muito aquela música "nega do cabelo duro" para mim diversas vezes, e até já fui ameaçada de ter o cabelo raspado no zero. Essas situações eram muito difíceis ainda mais para uma criança.
Vejo pessoas de cabelos crespos discriminarem cabelos crespos em outras pessoas. Também ouvi relatos de um amigo negro que diz ser sempre seguido por seguranças em

lojas de shopping.
felizmente nunca passei ou presenciei nada parecido
Na minha infância até a minha pré adolescência sofre varios comentário preconceitos sobre o meu cabelo ate me levarem a realiza o procedimento de alisa meus cachos, depois de assumi meus cachos na adolescência fui motivo de chacota na escola, olhores de deboche e o que mais me machucou foi quando botaram chiclete no meu cabelo.
Crespo
Sim, pois na minha antiga escola, eu já sofri preconceito com o meu cabelo, e vivi sobre pressão com os antigos colegas, ao ponto em que eu não aceitava mais os meus cabelos cacheados, porém, hoje em dia aceito o meu cabelo e amo.
Na infância, me chamavam de cabelo de pipoca, no começo eu não importava, mas depois comecei a achar muito ruim e se sentia mal por ter o cabelo desse jeito e a partir de então comecei a pesquisar e usar vários produtos pra deixar meu cabelo mais lisinho, hoje em dia não me importo mais com a opinião de ninguém, gosto do meu cabelo do jeito que ele é.
Sim por te o cabelo cacheado pq na minha família só tem pessoas com cabelos liso
Uma mulher conhecida, criticando minha prima por conta de ter cabelo crespo dizendo que se a filha dela nascesse com o cabelo "ruim" igual da minha prima, quando a filha dela fizesse 10 anos mandaria alizar porque acha feio cabelo crespo e não aceitaria a filha dela ser assim. Poucas semanas depois dela ter falado isso em publico perdeu a filha que estava esperando.
Sou contra o racismo já sofrie muito por causa de pessoas racistas
Nada a declarar
Nunca sofri, mas já ouvi relatos. Ninguém é melhor que ninguém, somos todos iguais; o preconceito e a discriminação é tipo uma doença misturada com falta de educação e amor.
Esses casos e bem comum em lojas , quando uma pessoa negra entra para fazer uma comprar os olhares dos vendedores já e de preconceito.Deixando até de fazer a vendar por conta de já está rotulado na cabeça da população que os negros não tem condições e até chegam e ser considerado uma pessoa errada .Isso tudo por conta do preconceito e da falta de Educação dos seres humanos.
Quando eu era menor, chamavam meu cabelo de bombril (acho que é assim que se escreve) ou que era pinxaín. E isso me fazia raspar todo o cabelo, todo final de mês pq os comentários paravam de acontecer
No início da minha transição pra ter cabelo cacheado as pessoas me julgaram muito pq eu tinha cabelo liso e claro então pra que eu iria querer um cabelo cacheado de tom mais escuro disseram que eu iria ficar feia, que não combinava comigo que isso era um erro, e isso tudo me deixou muito mal e eu mesma comecei a me achar feia por conta das críticas, mais com o tempo eu percebi que eu não devia da tanta importância assim que eu devia me amar mais e só então comecei a amar meus cachos e hoje e minha paixão
Meu cabelo sempre foi cacheado...mas eu não aceitava,então eu não assumia o poder dos meus cachos,mas recentemente eu deixei eles "fluirem" e viverem e soltar seu poder.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

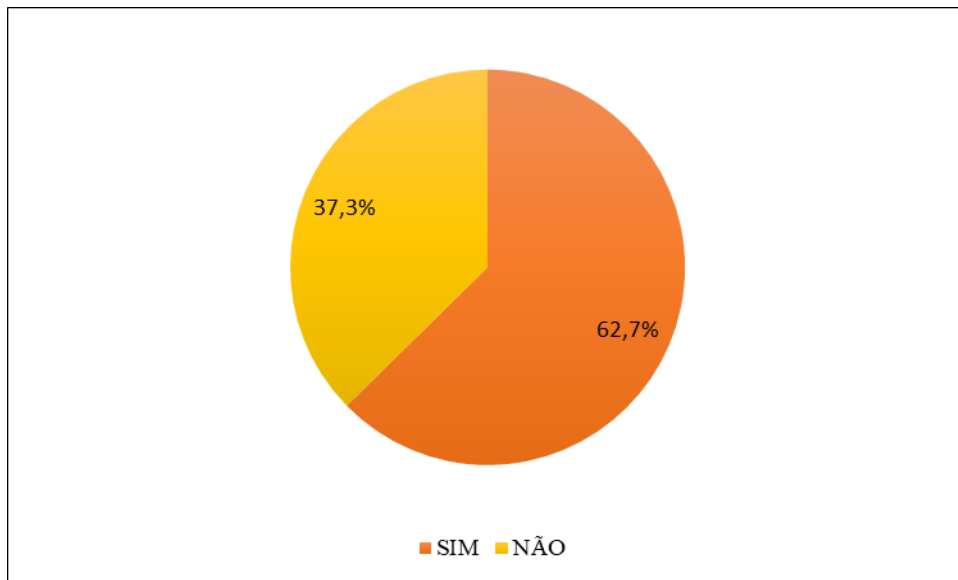
Quadro 2 – Relatos sobre autoestima dos entrevistados

Sim
Comecei a me amar, ter mais alto-estima e tal em 2018 quando passei a ver conteúdos na internet sobre o meu povo, ver meninas da minha cor se amando e exaltando nossa cultura.
Sim quando eu decidir pintar meu cabelo, no começo sim teve gente que veio falar que ficou feio, não sei se isso é atitudes negativas e tais mais sim aconteceu isso comigo
percebo que sou linda o tempo todo
Ainda não percebi kk
Não entendi
Sou uma Pessoa com uma auto-estima muito baixa, e tem vezes que eu tenho vergonha do meu próprio corpo
Depois que aceitei e assumi meu cabelo que é crespo e cacheado senti que algo mudou internamente. Creio que foi o fato de começar a me perceber no mundo, mesmo que tardiamente. Mas hoje em dia, entendo que meu cabelo e as formas em que o uso representa muito mais que minha personalidade.
Eu sempre me achei bonito independentemente do que os outros pensem
Comecei a perceber minha beleza quando meu gordo começou a se transformar de criança para adolescente.
Na verdade não me sinto confortável sobre minha aparência. As pessoas não me ajudam a me auto amar elas sempre criticam alguns pontos que eu estava gostando que a partir desses comentários passei a detestar.
Eu ã percebi nenhuma beleza em mim!
Me amando
Já sofre preconceito por ser "magrinha"
Nesse caso, a partir dos 14 anos eu comecei a perceber que eu era o pessoa muito atraente e eu não sabia disso, não sei se é por causa do meu jeito de se vestir ou outra coisa e tal.
Cabelos cacheados
Por muito tempo, pensei em alisar meu cabelo, não gostava, por causa disso até deixei de cuidar e negligenciava ele, entretanto, ano passado resolvi começar a cuidar fui cada vez mais gostando do meu cabelo, aprendi a gostar dele da maneira com que ele é.
Assistindo vídeos de empoderamento de mulheres negras, olhava aquilo e sentia que queria ser como elas.
Nossa eu comecei a gostar do cabelo quando eu via a Beyoncé com aquele cabelão enorme jogando pro lado e pro outro nos shows kkkk, depois eu comecei a amar cada cachinhos.
Corpo
Percebi depois de parar de ouvir opiniões negativas das pessoas, e hoje me aceito como eu sou.
As vezes eu mesmo quero mudar meu cabelo para ser liso por conta dos padrões sociais, mas prefiro uma postura mais "conservadora" na minha estética, aprendi que devemos nos valorizar pelo que somos e temos.
nada a declarar.
Nada a declara
Eu sou maravilhosa
Boca
Aprendi a gostar de mim com minhas diferenças que torna as melhores qualidades

.poder andar, enxergar,falar já me torna a pessoa mais bonita do mundo.
eu comecei a sentir orgulho da minha cor e cabelo quando eu escutei Formation da Beyoncé. Eu me senti feliz, pq até então eu ainda nem me considerava como negro, e sim como moreno.
Me sinto bem ao está com roupas que eu gosto amo vestir vestidos longos amo roupas compridas pois não curto muito roupa curta, também me sinto bem ao está com meu cabelo arrumado assessórios tbm
Não
Cada cachinho meu,cada traço que eu carrego,cor dos olhos escuros...,etc.
Sim

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Gráfico 8 – Conhece e/ou estuda(ou) sobre figuras negras importantes?



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Conhecer e/ou estudar figuras negras é de suma importância para uma vasta compreensão sobre o contexto social, histórico e cultural que estamos inseridos. Entender o papel e as contribuições da representatividade negra auxilia no processo de rompimento de estigmas e invisibilizações historicamente construídas”. Assim, pode-se observar no gráfico 8 que a maioria dos entrevistados tem acesso aos conhecimentos sobre figuras negras importantes, porém ainda há uma expressiva parcela (37,3%) que informam não conhecer e nem estudar sobre essas representatividades negras.

No quadro a seguir percebemos ainda uma desinformação sobre personalidades negras que deram/dão significativas contribuições em várias áreas de conhecimento. Entendo que a escola desempenha um papel relevante ao estudar figuras negras, não apenas como parte do currículo acadêmico, mas também como uma ferramenta para promover a igualdade, a

inclusão e o respeito mútuo dentro e fora da sala de aula. Ao indagar “Quais personalidades, cientistas e escritores(as) negros (as) os entrevistados conheceram a partir da sua formação educacional” e ter como respostas: “nenhum” ou “Eu não estudei sobre isso ainda” entendo que ainda temos muito a percorrer em se tratando de educação para a diversidade. Oposta a estes dados, a pesquisa também se mostra como um acalanto ao perceber que muitos puderam ter acesso a uma educação que promove o debate racial através do conhecimento sobre personalidades políticas - Marielle Franco; Escritoras – Conceição Evaristo; Ativistas do movimento LGBTQIA+ - Marsha P. Jhonson. Que a educação continue abrindo portas para o conhecimento vasto e equitativo.

Quadro 3 – Personalidades negras conhecidas a partir da formação educacional dos entrevistados

Não conheço
Não me lembro
Não lembro
Que eu me lembre foram 3: Zumbi dos Palmares, Machado de Assis e Maria Firmino
Bom, eu acompanho muitos artistas pretos.
Obama
Maria Firmina dos Reis – escritora
Carolina Maria de Jesus Cristiane Sobral Dentre outros
Chimamanda Ngozi Adichie - Escritora Danai Gurira - atriz Viola Davis – atriz
Nelson mandela ,alice ball ,barack Obama
Machado de Assis,Carolina Maria de Jesus,etc
Nenhum.
Nenhum
Nelson Mandela, Martin Luther King, zumbi de palmares
machado de assis, zumbi dos palmares, gilberto gil
Nelson Mandela.
Nenhuma
Milton Santos
Eu gosto muito de escritoras negras pq a pessoalidade dela é muito boa
Assata Shakur
Carolina de Jesus
Não consigo lembrar, mas acho que nenhum.
não lembro
Nelson Mandela, Milton Santos e Zumbi dos Palmares
Katherine Johnson
Nelson Mandela
Djamilla Ribeiro, Marielle Franco...
NÃO
Nenhuma !
Djonga
Eu não estudei sobre isso ainda.

Cientista
em geral, muitos para que eu possa me recordar, mas, Martin Luther King, Machado de Assis (não é bem uma cientista ou escritora, entretanto, vale a pena mencionar Marsha P. Johnson, uma importante ativista e travesti preta na história dos Estados Unidos, uma das precursoras do movimento LGBTQIA+.
Nelson Mandela, Barack Obama, Zumbi dos palmares (e outros que minha memória curtíssima não se recorda.)
Maria Firmina dos Reis,
alunos da unilab que foram na escola e no meet também, machado de assis
Nelson Mandela (Acho que se encaixa em "personalidade").
Machado de Assis (mas não é especificado sua cor de pele)
Nenhum
nenhuma eu acho
Não lembro
Bom pra dizer que não tevi nenhuma tevi um dia no dia da "consciência negra" que eu fiz um trabalho sobre a Dandaró dos Palmares.
Como cursei Letras na UNILAB, são muitos os autores negros com quem tive algum contato. Exemplos: Lima Barreto, Paulina Chiziane, Odete Semedo, José Craveirinha, Alda do Espírito Santo, Carolina Maria de Jesus, entre outros...
Não conheci
Machado de Assis
Zumbi dos Palmares é o que eu mais me recordo
Machado de Assis, Martin Luther King Jr., Nelson Mandela e Cruz e Sousa.
Lélia Gonzalez
Nelson mandela que foi preso por um bom tempo e ao sair da prisão foi eleito para presidente da África e ainda ganhou o prêmio Nobel da paz
Machado de Assis
Não estou lembrada no momento
Katherine Jhonson, Dorothy Vaughn e Mary Jackson (matemáticas da NASA durante a Guerra Fria - filme: Estrelas Além do Tempo); Sarah Breedlove (empresária em produtos capilares para mulheres negras - série: A Vida e História de Madam C.J Walker [recomendação/matéria de redação]); Machado de Assis; Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo.
Zumbi dos palmares, Albert einstein etc
Sonia Guimarães,aleijadinho,Machado de Assis e Lima Barreto.
Várias
Não sei
Nenhuma eu acho.
Não conheci
Zumbi dos Palmares.
Dandara de Palmares.
Zumbi dos palmares
Carolina maria,mel Duarte
Machado de Assis, Zumbi dos Palmares.
Conceição Evaristo, conheci quando estava lendo um trecho de seu livro na escola.
eu não lembro agora de um nome, porém seria legal a escola falar sobre Martin Luther King
O caso de um homem que era negro e foi agredido por polícias por acha que ele estava roubando

Edie Murphy

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Quadro 4 – Principais referências negras brasileiras presentes na vida dos entrevistados

Não tenho
Nenhum.
Djonga
Liniker, Fayda Belo, Majur, Linn da Quebrada, Agnes Nunes, Mc Tha, Érica Malunguinho e Érika Hilton
Djonga, Tim Maia, Tasha e Tracie, Ebony, Rico Dalasam, Sabotage, Mano Brown, entre outros
Alguns artistas sim, por nome não, mais me lembro
Djonga
Camila de Lucas, Iza...
Emicida - cantor Iza - cantora Gabi Oliveira – Youtuber
Rihanna e Iza
Djavan, Tais Araújo, Jota.Pê, Bruna Black, Agnes Nunes, Cartola, Any Gabrielly, Djonga e Emicida
Nenhum
Camila de Lucas, Alcione, Preta Gil, Gilberto Gil
Chavoso da USP, Gilberto Gil, Djonga, Mano Brown, Thelminha ex BBB, Danrley ex BBB, Mamacita ex BBB
Sabotage, Yung Buda, Night Lovell, Eazy-e, Tupac, Notorious BIG, Jimi Hendrix, Chuck Berry e vários outros.
Não lembro
Gilberto Gil, Milton Nascimento
Influenciadoras
Angela Davis
Beyoncé, Jason Derulo, Anne do Little Mix
Carol Manpim (influencer) Dhully Zanella (influencer) Iza (cantora)
Iza, Rihanna
Milton Santos, Milton Nascimento, Djavan, Sandra de Sá, Alexandre Pires...
Mano Brown
Michelle Obama
Majur, Liniker, Ventura Profana, Jup do Bairro, Linn da Quebrada, Danny Bond, Iza.
NÃO SEI
Iza
Camila de Lucas, Iza, Thelminha várias outras
O cantor brasileiro chamado Lázaro que no Instagram é conhecido como Irmão Lázaro; O ator que é chamado de Lázaro Ramos também, um influenciador no Instagram;
Ator
Erika Hilton, Ronaldinho Gaúcho, Jojo Todynho, Gilberto Gil, Emicida, Milton Nascimento, Marina Silva, Glória Maria, Danny Bond, Karol Conká, Thais Araújo, Cacau Protásso
Que mais me afeta é o cantor rapper Jay A Luuck, por ter vindo de uma família com condições limitadas demais e mesmo assim ter seguido seu sonho com apoio de sua

mãe. Hoje o mesmo já tem uma música no YouTube com mais de 73 milhões de visualizações.
Cantor, influência digital e amigos
Italo cyborgue, Thiago
Rihanna e Iza
Camila de Lucas, Djonga, Baco Exu do blues, Iza.
Seu Jorge, Pelé
Iza, aquela mulher do Jornal e aquele cara do The Voice
Baco Exu do Blues, Djonga, Bia Ferreira, Iza, Gloria Groove
Com toda certeza a Maju Coutinho, Elza Soares, Iza, Camilla de Lucas, Ludmila, Stefany Matos e Jojo Todinho.
Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Lázaro Ramos, Silvio de Almeida, Spartakus Santiago, Emicida...
Cantores
Gilberto Gil, Seu Jorge, Iza e etc.
Jean Paulo, Camilla de Lucas, Lázaro Ramos, Thais Araújo
Taís Araújo, Gabi Oliveira, Djonga, L7nnon, Bin, Xamã, Emicida, Ludmilla, Iza
Influenciadores
Maicon Sullivan, Sérgio Camargo.
Djonga, Iza
Tiago Sousa influenciador de Salvador
Dia a dia: meu avô, minha amiga Naraline, meu professor técnico.
Thiaguinho, Thais Araújo, Sheron Menezes, Raça negra entre outros
Influenciadores
Rihanna (Cantora)
Não sei
Pelé
Lázaro Ramos, Rick Chester, Matos Nascimento, Marcos Antônio e Thiaguinho.
Bob Marley, Maycon Jackson
Chadwick Boseman ator do filme pantera negra da Marvel
Lázaro Ramos, Wanderlan,
Gabriel Frank, Djonga, Baco Exu do Blues, BK, Caio Lucas, Jovem Dex.
Acho que nenhuma.
a cantora Iza, e a página do Instagram @Africanizei
Cantora Gabriela Gomes
Michael Jordan, Péricles etc
Jovem Dex cantor trap,
Vários... não consigo dizer um ou dois ou até mesmo três.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

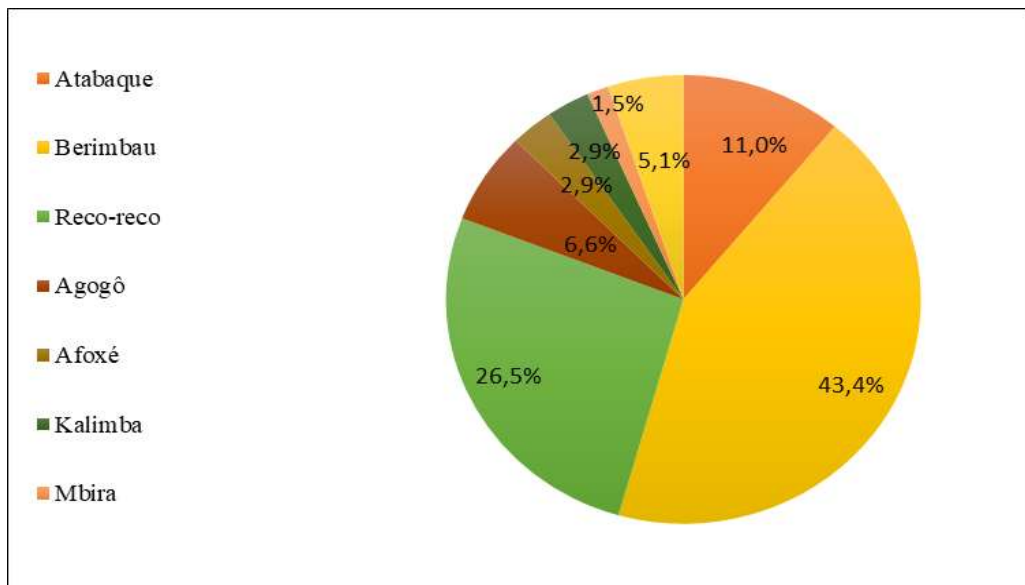
Quadro 5 – Ritmos musicais considerados pelos entrevistados como afro-brasileiros e/ou negros

Samba
Rap
Não sei
Samba
Samba, Bossa Nova o próprio funk também
O rap (um que eu gosto bastante)
Rap, hip hop e reggae. Esses estilos musicais foram popularizados pelos negros
São muitos ritmos por isso não vou colocar aqui
rap, hip Hop, trap e etc
Carimbó, maracatu, lambada...
Rap, samba.
Samba,lambada ,maracatu,axé,pagode
Samba, Maculelê e Jazz
Rap e samba.
Samba, percussão(não sei se é um ritmo musical) pagode
Samba, choro, pagode.
rap e samba
Nenhuma.
Rap, trap (negro)
Não lembro.
Frevo, Samba, Forró, Xaxado, Lambada etc...
Músicas gospel
samba, rap, rock, mpb
Axé
musicas do candomblé
Samba e reggae
As músicas de capoeira
Jazz
funk, mbp...
NÃO SEI
Capoeira
Rap, trap
Não sei.
O samba
Samba e maracatu
Rap e Hip Hop
Racionais
Ronco Sapiência
Samba e capoeira.
Samba, rap, pagode.
Axé, samba, reggae
axé, pagode, samba...
Samba, Rap, Blues, Jazz
Samba e reggae
Samba, pagode, axé e o próprio forró.
Samba e etc.

Samba, lambada, maculelê
Reggae, Samba, Maracatu, Lambada e Carimbó
Brasileiros
Samba
Axe
Samba, axé, pagode, funk carioca, jazz, r&b, blues
Olodum, samba reggae
Samba, axé, lambada..
Todos os ritmos
Reggae
Olodum.
Olodum, axé, samba, maracatu, maculelê, Irmão Lázaro
Não sei
Lambada
Rap, Samba, Trap, Axé.
Não conheço nenhum
Carimbó
Samba, maracatu e lambada

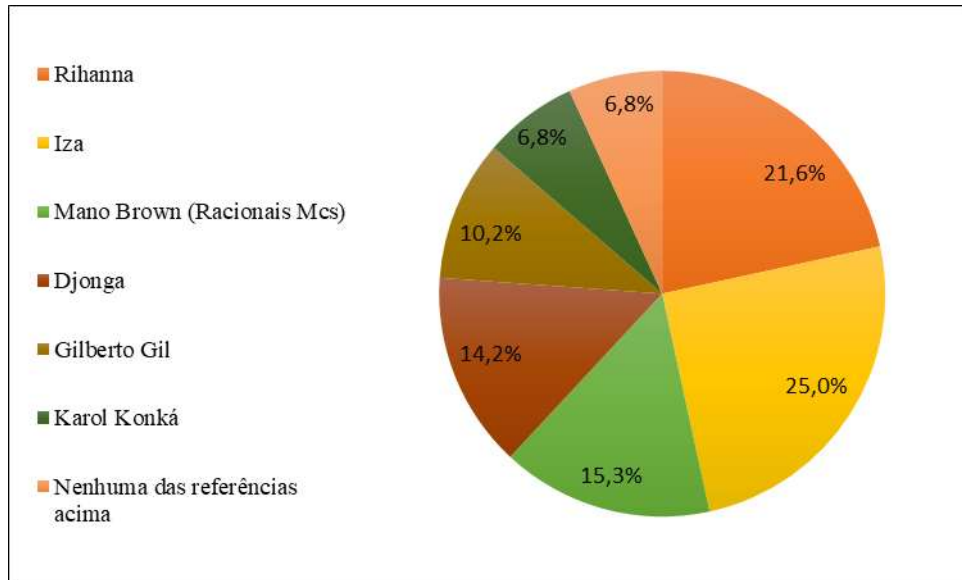
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Gráfico 9 – Quais instrumentos abaixo colocados você conhece?



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

O destaque dos instrumentos musicais conhecidos pelos estudantes é o Berimbau. Muitos estudantes afirmaram fazer parte de grupos de capoeira.

Gráfico 10 – Artistas musicais que você ouve

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

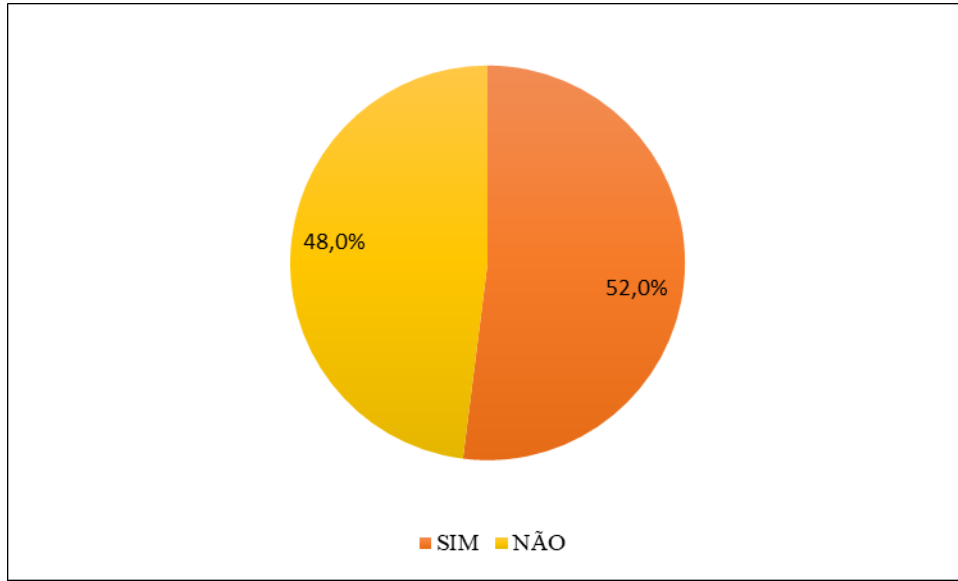
Além dos artistas acima mencionados outros foram citados em pergunta aberta e optativa no questionário. Outros artistas citados foram: Sabotage, Yung Buda, Night Lovell, Eazy-e, Tupac, Notorious BIG, Milton Nascimento, Thiaguinho, Liniker, Linn da Quebrada, Ludmila etc.

Quadro 6 – Personalidade musical afro-brasileira e/ou negra que seja referência para você e que você ouve

Não
Nenhuma
Não lembro
Emicida
Como não dá pra marcar mais de uma, já citei algumas lá em cima, e falarei sobre essas agora. Beyoncé, Rihanna, Iza e Glória Groove.
juice wrld
Ebony
Não me lembro
travis Scott
No momento nenhum
Nenhum.
Beyoncé, SZA, Doja cat
Card b, Alcione, Zeca pagodinho.
não lembro de ninguém agora
Nenhuma.
Nenhuma
Não conheço

Irmão Lázaro, Fabiana Anastácio
Froid, Ebony, Cristal, Seu Jorge.
Iza eu não escuto muito mais ela tem muita garra
não escuto música afro-brasileira
Djavan, Milton Nascimento
Tenho não
Lilnas x
Majur
Sertanejo, pop, forró, funk, músicas em inglês(não sei qual o nome desse estilo de música) e etc.
Não tenho outra personalidade
Eu não vejo com frequência, por isso que não conheço algum.
Luiz Carlos raça negra
Danny Bond
Mano Brown
Matue,Froid
Não tenho.
Djonga
Seu Jorge
Iza, Annita (caso se encaixe)
Baco Exu do Blues é pra mim uma das principais referências negra
Beyoncé, Normani e Cardi B
Natiruts, Criolo, Emicida, Agnes Nunes, Majur...
Maracatu, jongo, carimbó e etc.
Não
Alcione, Martinho da Vila, Alexandre Pires, Elza Soares, Jorge Aragão, Sandra de Sá
Gabriel, o pensador
Akon
Não me recordo agora
Brasileira: Danny Bond, Liniker, Ludmilla, Linn da Quebrada Outras: Cardi B, Nicki Minaj, Doja Cat, Lil Nas X, Lizzo.
Raça negra e grupo menos é mais as que ouço com mais frequência.
N tenho
Não tenho
Ludmilla
Nenhum
Preto no Branco - O cego, a mulher e o publicano.
Eu te amo tanto (Irmão Lázaro)
Não sei
Caetano veloso
Travis Scott, Lil Nas X, Willow Smith, Lil Uzi Vert, Baco Exu do Blues, BK, Caio Lucas, Jovem Dex.
Não tenho nenhuma
Beyoncé, Doja Cat, Cardi B e Michael Jackson
Gosto mais de ouvir gospel e sertanejo
Péricles
Jovem dex, Djonga, Mano Brown, Mc Poze

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Gráfico 11 – Conhece alguma religião afro-brasileira?

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Formando a tríade de saberes afro-brasileiros pesquisados na Escola temos questões (1 com alternativas e 1 para a livre expressão) que buscaram entender como os estudantes percebem as religiosidades de matriz afro-brasileira, dando ênfase às duas mais frequentadas pelos estudantes do contexto: Umbanda e Candomblé. No gráfico acima percebemos uma divisão acirrada entre os que conhecem e os que não conhecem as religiosidades afro-brasileiras.

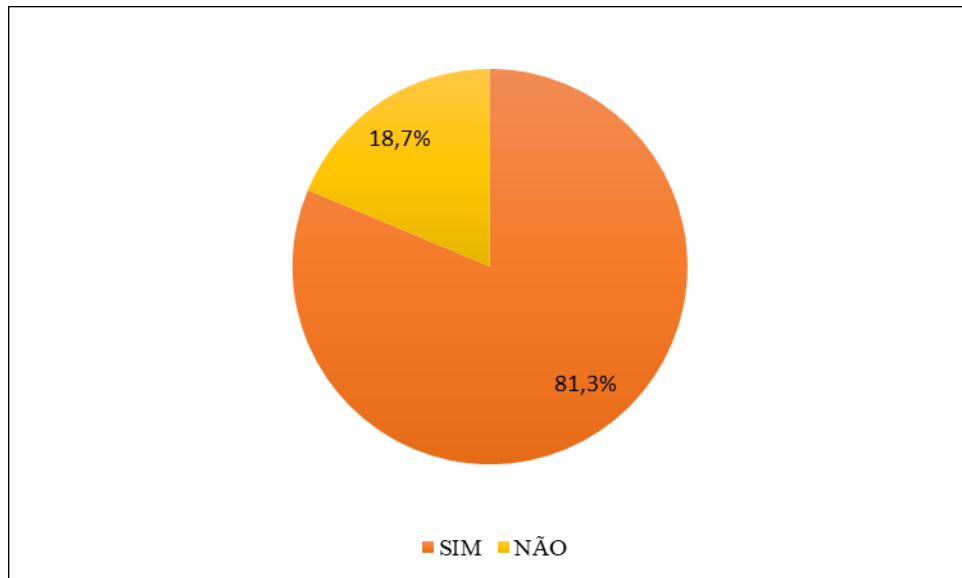
Quadro 7 – Religiões afro-brasileiras que você conhece

Não conheço
Candomblé
Candomblé
Candomblé.
Umbanda e candomblé
Candomblé
Não conheço
Umbanda
Não
Umbanda, Candomblé, Quimbanda
Umbanda
Umbanda, candomblé...
Candomblé, umbanda, cigana
Umbanda, candomblé
conheço umbanda e candomblé, não entendo muito sobre mas acho ambas
Nenhuma
Não lembro

O candomblé é uma das religiões afro-brasileiras mais conhecidas em todo o País, que foi conhecido no Brasil entre os séculos XVI e XIX.
Testemunhas de Jeová
Camdoble, umbanda
Já ouvi falar no candomblé mas nao conheço pessoalmente nenhum religioso.
Axe e Umbanda
Candomblé e umbanda
Umbanda.
Candomblé, Xango, Macumba e Umbada
O Candomblé.
Candomblé. Conheço, mas não tenho proximidade. São artistas e ou figuras da internet que acompanho e sei de suas práticas religiosas.
Cristianismo, Candomblé, umbanda e etc.
candomblé e a umbanda.
Candomblé, Xangô
Um primo de minha mãe é da macumba...candomblé
Camdoble
Candomblé ou popularmente (Macumba) onde eu moro tem um pequeno grupo de Religiosos que praticam essa religião.
Camdoble e Umbanda.
Batuque
Não

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Gráfico 12 – Você percebe situações de racismo no seu dia a dia?



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Este foi o resultado mais impactante para a equipe de alunos pesquisadores e para mim enquanto orientadora da pesquisa. Oitenta e um por cento dos alunos pesquisados percebem

situações de racismo no dia a dia. Nos encontros de aprendizagem os alunos puderam compartilhar algumas situações que vivenciaram, muitas delas como vítimas diretas do racismo. Algumas situações relatadas foram vivenciadas na Escola. As situações citadas pelos estudantes envolvem piadas sobre o cabelo, formato do rosto, cheiro corporal etc.

5.1 Orientações e sugestões para a replicação do Projeto.

Caros colegas de profissão,

A dissertação que vos apresento tem como um dos principais objetivos a replicabilidade da experiência com o projeto em outras escolas pertencentes ao sistema de ensino, em especial, ensino médio público. Minha práxis foi realizada em uma Escola Estadual de Educação Profissional o que, segundo a lei 9.394/96, se enquadra como Educação Profissional Técnica de Nível Médio, porém há possibilidades de se adaptar ou aplicar integralmente a proposta em escolas de tempo parcial e integral. Particularmente já consegui êxito em replicar a proposta em uma Escola de Ensino Médio em Tempo Integral, chamadas de EEMTI no Ceará. Para que o objetivo de reprodução da práxis aconteça deixo aqui algumas orientações específicas que podem ajudá-los durante a execução do projeto.

De acordo com a experiência na EEEP oriento que a sequência didática baseada na Pedagogia Histórico-Crítica e que inaugura as ações do projeto seja posta em prática a partir do segundo período letivo e nas turmas de segundo ano. Parte disto está descrito na própria dissertação, porém para que vocês tenham mais tempo para desenvolver as ações sugiro a antecipação da execução, o que não consegui desenvolver devido a entrada na Escola tardiamente (metade do segundo período).

Entendo que no percurso da sequência didática seja possível escolher outras produções artísticas para além do rap e da poesia. Escolhi a poesia Me gritaram negra e o rap Bença pela proximidade destas produções com o contexto estudantil específico e por ter a musicalidade negra como uma das dimensões contempladas pelo projeto. As condições juvenis precisam se identificar com todo o processo educativo, portanto, é de grande importância conhecer as singularidades musicais e, sobretudo, artísticas dos estudantes para propor, se necessário, outras expressões culturais.

O texto didático é suporte valioso dentro da sequência e este priorizou três afrossaberes amplos: musicalidade, corporeidade e religiosidade. A escolha destas três dimensões não exclui a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar outros saberes negros igualmente importantes e que contribuem para a construção de saberes integrais. São

estes: a oralidade, a ancestralidade, a circularidade, a energia vital, a memória entre tantos outros.

Oriento que a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e africana seja uma legitimadora do projeto e que seja estudada e conhecida por toda a comunidade escolar. Caso seja viável pensem em uma formação ou apresentação da proposta para o corpo docente, funcionários, representantes de pais e alunos. Ampliar os apoios e sensibilizar para a importância do trabalho podem ser elementos singulares para o engajamento da Escola.

Garanto que, entre as múltiplas ações, as oficinas serão potencialmente valiosas para a criação de uma comunidade de conhecimento negro. A participação de pessoas de outras áreas profissionais e em outros momentos de vida proporciona um olhar para trás que o movimento Sankofa inspira. Os saberes daqueles que já passaram pelo que os estudantes passam atualmente constroem novas mentalidades. De igual maneira buscar jovens da comunidade local com histórias de vida atreladas a questão racial é um ótimo fator de engajamento dos estudantes. A contagem das histórias de vida destas pessoas que ministrarão oficinas ou rodas de conversa facilita a identificação dos estudantes com o que vivem e sentem. Muitos insights acontecem a partir desta troca, especialmente, o desvelamento dos medos estéticos (cabelo, formato do rosto etc.) criados pela sociedade eurocêntrica. Há também a possibilidade de uma reflexão mais apurada sobre a autodeclaração racial dos estudantes.

Quanto à pesquisa oriento que toda a comunidade escolar possa participar. Observem a possibilidade de ampliar a pesquisa para que os pais dos estudantes também participem. Ao aplicar o questionário adicionem uma pergunta sobre o gênero dos estudantes. Este dado é importante para correlacionarmos gênero e raça. Neste sentido é um adicional importante que não contemplei no questionário aplicado e que está na dissertação.

Finalizo me colocando à disposição para sanar possíveis dúvidas e na expectativa por vê-los (as) engajando nossos jovens estudantes à percorrer suas trajetórias cientes de quem são histórica e socialmente a partir da sabedoria ancestral afro-brasileira.

6. ÊXITOS E PERCALÇOS DO PROJETO AFROJIN

Ao analisar toda a proposta criada para o projeto percebo que em pouco tempo (menos de dois períodos) conseguimos, junto aos estudantes que abraçaram a proposta, realizar várias dimensões do plano criado à luz da Pedagogia Histórico-Crítica. O primeiro e talvez mais importante êxito foi ter utilizado a pesquisa como um elemento primordial de aprendizagem estudantil. Para além de professora-pesquisadora que sou instiguei os estudantes a serem jovens pesquisadores e a partir das reflexões sobre esta pesquisa nossas ações foram pensadas. Acredito que o sucesso do trabalho à nível estadual se deu exatamente pelo protagonismo destes três jovens estudantes que trabalharam arduamente pesquisando, criando o questionário visitando as turmas, pedindo a participação de toda a comunidade escolar, divulgando as ações que se dariam posteriormente e para finalizar construindo a quatro mãos um artigo científico sobre a experiência. Vê-los felizes por adentrar em um universo novo através da pesquisa e da escrita científica é muito gratificante. Ver as famílias destes empolgadas com o resultado a partir da premiação na Feira Estadual é perceber que a democratização de acesso a estes conhecimentos dá frutos valiosos não apenas para os estudantes mas para toda a comunidade local, iniciando pela familiar. Vale ressaltar que os resultados da pesquisa foram divulgados na Escola mesmo antes da publicação do artigo.

Os dados da pesquisa forneceram a reflexão de que os estudantes destas turmas conheciam pouco sobre as religiões de matriz afro-brasileira. Alguns estudantes usaram termos genéricos para se referirem ao Candomblé e a Umbanda. Todos os estudantes que participaram da pesquisa responderam a seguinte pergunta: Caso conheça algo sobre as religiões afro-brasileiras nos informe abaixo. (Você pode descrever quais você conhece e se conhece algum afro-religioso). Como resposta tivemos: “Um primo de minha mãe é da macumba...candomblé”, Candomblé ou popularmente (Macumba) onde eu moro tem um pequeno grupo de Religiosos que praticam essa religião”, “conheço umbanda e candomblé, não entendo muito sobre mas acho ambas” “Não conheço”. Estes mesmos reconheciam que sabiam pouco ou nada sobre os ritos. Aqui se encontra a parte mais tortuosa do projeto. Compus um texto utilizando trechos de referências negras sobre tais religiosidades e ao utilizá-lo em sala de aula muitas perguntas foram feitas, debates foram construídos e não houve qualquer desrespeito por parte dos estudantes.

O momento de contagem das histórias de vida dos estudantes foi um catalizador para interligar as experiências subjetivas. Muitos estudantes narraram situações em que se sentiram

ou se sentem subalternizados por serem pardos ou pretos, por sua estética capilar, pela região onde moram e até por fazerem determinado curso técnico.

Na sequência das aulas a musicalidade afro-brasileira se fez presente a partir do rap de Djonga que traz um relato forte da avó que o criou junto a sua mãe. Reflexões importantes foram possibilitadas a partir de tal música já que há uma autoidentificação dos jovens com o compositor e porque muitos vivenciaram/vivenciam situações semelhantes ao precisarem sair de casa. Levar o documento de identificação, carteira de trabalho se for preciso, evitar certas indumentárias para que quando o baculejo aconteça os jovens negros não sejam vistos como vagabundos. Relatos difíceis de se ouvir, mas situações muito comuns para alguns estudantes que cruzam as cidades da região metropolitana de Fortaleza.

O plano inicial contemplava convidar a Dra. Silvia Maria Vieira Santos da Equipe ERER-SEDUC para uma roda de conversa sobre afro-religiosidades porém, por conta do calendário letivo que prioriza os aulões ENEM/SPAECE esta ação foi realizada por mim e mediada por estudantes do segundo ano interessados na temática.

Ao chegar em Guaiúba, cidade onde fica localizada a Escola, fui apresentada ao trabalho de um fotógrafo local e que se formou na escola. O fotógrafo em questão tem um trabalho artístico ligado à realidade de sua família, os momentos vividos por eles e também fotografa guaiabenses negras. Conhecer o Gabriel Frank foi importante para entendermos como esta descoberta de ser negro é uma construção. Gabriel foi o ministrante de uma oficina sobre Estética Negra e relatou inicialmente sua história de vida. Em seu relato ele falou de sua adolescência, de como sentia vergonha quando o chamavam de negro e de como isso mudou a partir da fotografia. Sua carreira iniciou a partir das fotos que tirava de suas amigas crespas, negras, trançadas, com turbante e isso começou a despertar nele a vontade de entender-se racialmente. A partir destas amigas, algumas universitárias do Campus Unilab Redenção, ele relatou uma nova postura diante dos ataques que recebia e principalmente como passou a valorizar em si sua negritude. Isso se reverbera nas redes sociais onde o mesmo tem muitos seguidores e admiradores do seu trabalho. O foco de seu trabalho encantou os estudantes que também puderam tanto fotografar quanto serem fotografados na Escola.

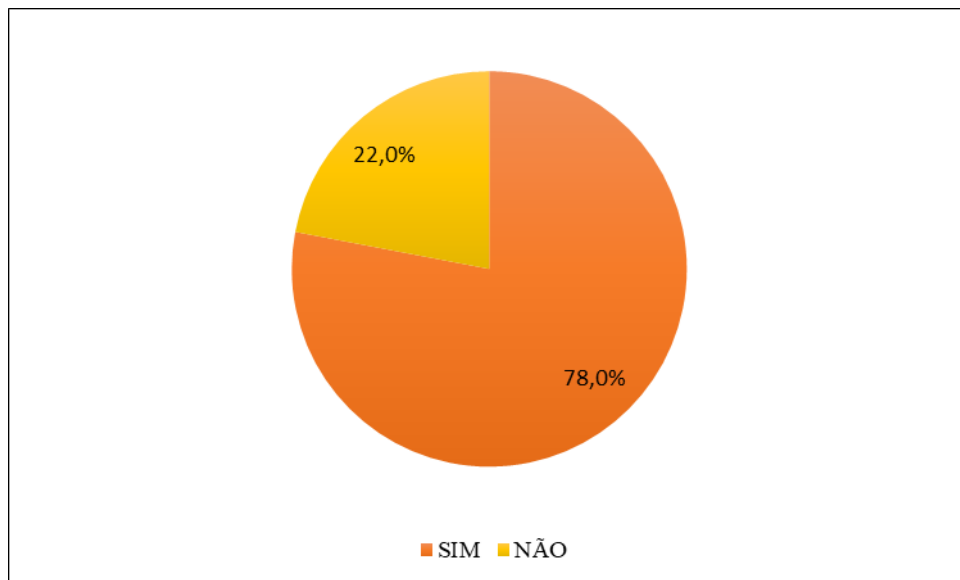
Dentre os percalços vivenciados tivemos que lidar com um calendário preenchido com aulas preparatórias para o SPAECE, o que são chamados de reforços de Português e Matemática, aulões ENEM que são preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio, palestras, eventos dos Cursos etc. Entendo que o plano contempla muitas etapas o que, portanto, deve ser revisto quando for posto em prática novamente.

De modo geral a partir das rodas de conversa que tive com os estudantes pude perceber como o Projeto impactou a Escola visto que tocou em temas que anteriormente não eram valorizados em forma de Projeto envolvendo várias ações em torno de três valores afro-brasileiros tão marcantes em nosso cotidiano, mas, muitas vezes, silenciados ou apropriados pela colonialidade. Os crespos, tranças e turbantes tornaram-se mais comuns no ambiente escolar mesmo sob o olhar atento daqueles que mascaram seu racismo através da famosa disciplina estudantil.

O pertencimento racial também mudou já que as racialidades preta e parda além da categoria política negro/negra foi melhor compreendida da mesma forma que referenciais negros(as) foram apresentados e/ou valorizados para que os jovens construíssem suas próprias autoimagens a partir das suas subjetividades e das representações negras e não a partir dos estigmas criados pelo racismo.

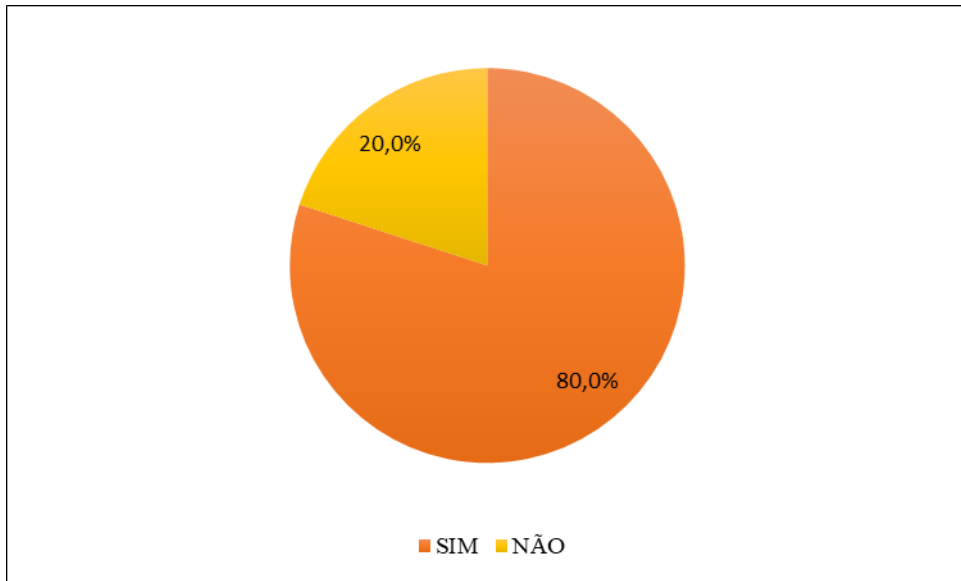
Os resultados gerais das ações foram mensurados por uma pesquisa realizada com os alunos participantes. Nesta temos dados quantitativos sobre o impacto do projeto, metodologias utilizadas e possibilidade de tornar o projeto permanente na Escola previsto no calendário escolar anual.

Gráfico 13 – As ações do projeto AfroJIN impactaram positivamente sua vida?



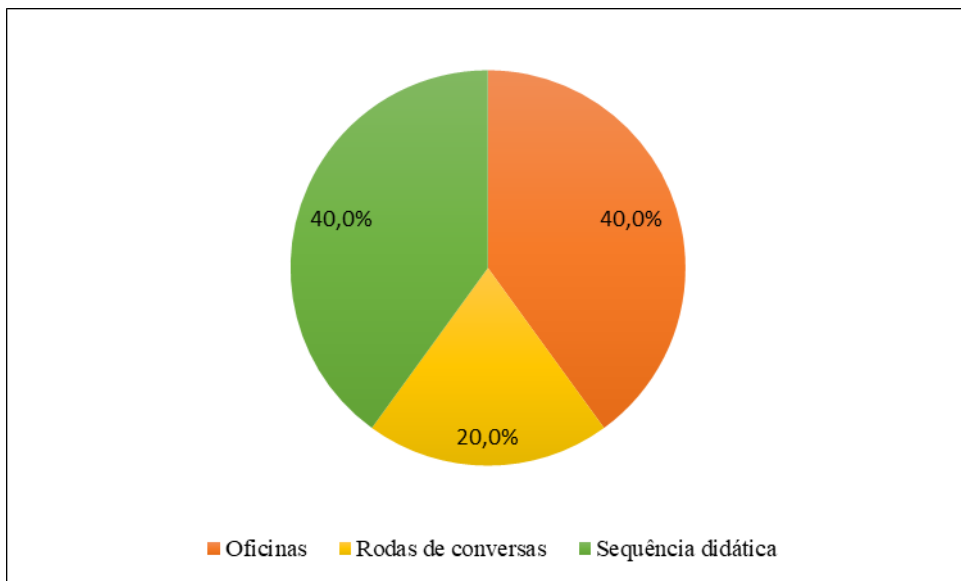
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Gráfico 14 – O AfroJin deve ser um projeto permanente?



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

Gráfico 15 – Quais ações foram mais interessantes e possibilitaram novas aprendizagens?



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, 2024.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado é considerado um passo a mais para a valorização das relações étnico-raciais nas aulas de Sociologia. Há ainda muito a ser feito visto que as escolas, gestores e professores em específico, precisam entender que projetos, ações, debates, apresentações sobre as culturas negras e seus respectivos desdobramentos devem acontecer durante todo o percurso do ano, algo que eu gostaria de ter desenvolvido em todos os contextos em que minha pesquisa passou (2 escolas em Fortaleza, 1 escola em Guaiúba), o que infelizmente não aconteceu nesta última escola.

A exposição dos dados da pesquisa e a participação dos estudantes nas atividades propostas pelo projeto demonstram que é possível conseguir o engajamento de estudantes de faixas etárias diversas (14 a 16 anos) e a sensibilização destes para o fortalecimento dos afrossaberes na comunidade local. Os estudantes são propagadores também do que aprendem e viabilizam a análise e reflexão destes temas e problemas em casa e entre seus pares.

Percebo que a própria Secretária de Educação – SEDUC têm recebido mais demandas por parte dos estudantes negros e afro-religiosos que sofrem perseguições características de um racismo estrutural que tende a se disseminar nas instituições escolares e que para além de ações escolares estes estudantes cobram também ações à nível institucional. Fazem parte deste coro movimentos sociais e entidades jurídicas. Não à toa o próprio Ceará Científico foi pensado com uma categoria específica para as relações étnico-raciais. De igual maneira mais atualmente temos a criação da Campanha de Autodeclaração Étnico-racial²¹ e Selo Escola Antirracista²². Temos muito a caminhar, mas é importante reconhecer o que a luta dos movimentos negros, de estudantes e professores engajados na luta antirracista têm conseguido.

²¹ Segundo dados da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC a Campanha de Autodeclaração Étnico-Racial envolve um processo de busca por dados mais precisos sobre a composição étnico-racial das escolas, permitindo a implementação de políticas e práticas mais eficazes de combate ao racismo e de promoção da igualdade. Ao longo do percurso, têm sido sugeridas atividades educativas e debates em sala de aula, como forma de engajar os alunos de forma mais direta e participativa. A Seduc também organizou materiais informativos, que foram distribuídos para as unidades de ensino. Houve, ainda, divulgação em redes sociais e orientações específicas para gestores e professores. (disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/2024/05/06/semana-d-incentiva-a-autodeclaracao-etnico-racial-de-estudantes-nas-escolas-estaduais/>)

²² A ação reconhece as unidades de ensino que se destacaram na realização de projetos pedagógicos inovadores, nos aspectos da inclusão educacional e da superação do racismo, fortalecendo o pensamento crítico, o protagonismo estudantil e a interação com a comunidade escolar. (disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2023/08/22/lancado-edital-do-selo-escola-antirracista-para-unidades-de-ensino-da-rede-estadual/>)

Tanto a nível de secretaria quanto a nível escolar é importante salientar que ações como estas e, em especial, o projeto AfroJIN está amparado pelas leis contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Tais leis me ajudaram consideravelmente ao passo que ouvia questionamentos sobre a necessidade de se estudar o tema. Há um clamor cada dia maior para que as comunidades negras sejam também protagonistas do saber, que suas histórias de vida, criações e valores sejam incorporados ao currículo das escolas de fato. O presente estudo traça uma das possibilidades de reconhecimento do protagonismo negro a partir da musicalidade, religiosidade e corporeidade. Para além disso a sequência didática promove uma reflexão sobre a autodefinição racial, algo hoje incorporado como política educacional do Estado a partir da Campanha pela Autodeclaração Étnico-Racial.

Os exercícios de desnaturalização e estranhamento promoveram uma análise apurada sobre as condições de vida dos negros no Brasil a partir de dados do IBGE bem como a reflexão sobre o mito da democracia racial difundido no país. Em se tratando de organização coletiva trazer para os encontros de aprendizagem as principais lutas e conquistas dos movimentos negros possibilitou a compreensão do impacto destas conquistas nas suas vidas juvenis.

O fato de trabalhar com a tecnologia a partir de uma rede social oportunizou a difusão dos aprendizados vivenciados na oficina, encontros de aprendizagem e roda de conversa. Constata-se o bom engajamento da rede criada pelo número de pessoas que acessaram tal meio. O questionário que nos oportunizou conhecer os atores sociais também foi feito a partir de formulários online.

Formar alunos pesquisadores de afrossaberes e racialidade foi uma prática que efetivou todas as ações acima elencadas. Desta forma notei que é uma ótima metodologia ativa. Expandirei para outras sequências como também utilizarei no mesmo projeto na instituição de Ensino que estou atualmente.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade. Feminismos Plurais**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo. Polén. 2019.
- ATTILIO, V. F., CORRÊA, D. A., & ROSSI, F. **A corporeidade negra e o contexto escolar: estudo de revisão sistemática**. Educação Em Foco, 27(1), 2022. Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/37811>
- BERTH, Joice. **Empoderamento. Coleção Feminismos Plurais**. São Paulo. Polén. 2019.
- BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. Presidência da República. Brasília, DF.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Presidência da República. Brasília, DF.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Resolução CNE/CP nº. 01/2004. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. In: Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013a.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019**. In: educa. ibge.gov.br. Acesso em: 10 de Setembro de 2021.
- BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e fazeres**, v.3, modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, 152p. : il. color. - (A cor da cultura).
- CASTRO, Suzana. **O caráter anticolonial da luta contra o racismo no Brasil**. Debates em Sociologia. Número 52, Revista PUCP. 2021.
- COSTA, Renata Gomes; MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. **As relações étnico-raciais e a implementação da Lei 10.639/2003 em Fortaleza/Ceará**. Rev. Pol. Públ. São Luís. Vol. 16. n 2. Pag. 329 a 339. 2012.
- DUBET, François. **A escola e a exclusão**. Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 29-45, jul. 2003.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008b.
- FAZENDA, Arantes Ivani Catarina; VARELLA, Ana Maria Ramos Sanchez; ALMEIDA, Telma Teixeira de Oliveira. **Interdisciplinaridade: tempos, espaços, proposições**. Revista e-Curriculum, vol. 11, núm. 3, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Coleção Educação Contemporânea, Campinas, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. "**Política de igualdade racial na realidade cearense/Racial equality policy in Ceara, Brazil**." *Em Pauta*, vol. 18, no. 45, 2020, p. 148+. *GaleAcademicOneFile*, link.gale.com/apps/doc/A644053059/AONE?u=anon~7fd1147c&sid=googleScholar&xid=e40820d3. Accessed 20 July 2021.

MADEIRA, M. Zelma de Araújo.; COSTA, Renata Gomes da. **As Relações Étnico-Raciais e a implementação da Lei 10.639/03 em Fortaleza/Ceará**. *Revista de Políticas Públicas*. (UFMA), v. v 16, p. 329-339, 2012.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Zahar. Rio de Janeiro. 1997.

MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo, Planeta Brasil, 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, Autores Associados.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em movimento**. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2016.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda loreta da trindade e o legado do projeto a cor da cultura**. Artes de Educar, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Sílvia Maria Vieira. Africanidades e Juventudes: Tecendo confetos numa pesquisa sociopoética. **Repositório UFC**. 2011.

SEDUC/CE – Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Ano Letivo 2023: Orientações complementares aos estabelecimentos de ensino**. Ceará Educa. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2023/03/orientacoes_ano_letivo_2023-1.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2024

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras**. In: Munanga, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil.** In.: Valores afro-brasileiros na Educação. Boletim, v. 22, 2005. p. 30-36. (Salto para o Futuro).

ANEXO A - PESQUISA SOBRE PERTENÇA RACIAL E AFROSSABERES NA JIN

1. Você é de qual segmento escolar:

- a) aluno
- b) professor
- c) funcionário
- d) núcleo gestor

2. Se for estudante informe o ano que está cursando:

- a) 1º ano
- b) 2º ano
- c) 3º ano

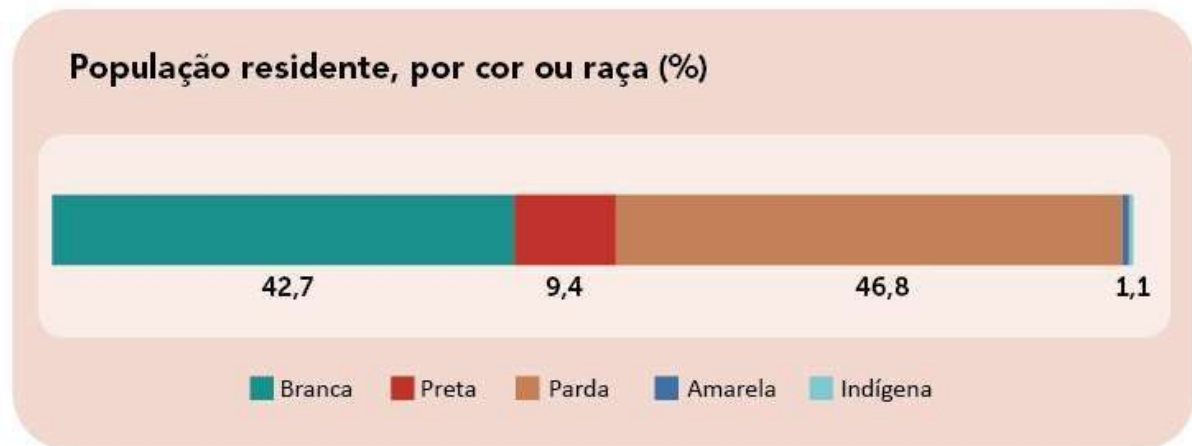
3. Se for estudante informe qual curso técnico está cursando:

- a) Agropecuária
- b) Administração
- c) Aquicultura
- d) Informática
- e) Química

4. O IBGE pesquisa a cor ou a raça da população brasileira com base na autodeclaração (como a pessoa entrevistada se identifica). Ou seja, as pessoas são perguntadas sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Como você se identifica:

- a) Branco (a)
- b) Preto (a)
- c) Pardo (a)
- d) Indígena
- e) Amarelo (a)/ Oriental
- f) Não Sei

5. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, * 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. O conjunto dos indivíduos pardos e pretos que se identificam como coletividade racial e política específica são entendidos pelos movimentos étnicos como negros. Você se auto-identifica (ser percebe) como negro (a):



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

Marcar apenas um oval.

- () SIM
() NÃO

6. Um dos afrossaberes, conhecimentos vindos de nossos ancestrais africanos e afro-brasileiros é a corporeidade. A partir desta dimensão temos as estéticas negras. Um dos aspectos das estéticas negras é o cabelo cacheado, crespo, black power, trançado etc. Você considera que esta estética é valorizada em nosso país?

Marcar apenas um oval.

- () SIM
() NÃO

7. Esteticamente você já se sentiu pressionado(a) a mudar seu cabelo, seu corpo * e sua forma de se vestir por conta dos padrões de beleza eurocêntricos (criados pela Europa) e coloniais (vindos da nossa herança como colônia de Portugal)?

Marcar apenas um oval.

- () SIM

() NÃO

8. Este espaço é para você relatar, caso queira e caso tenham acontecido, situações em que você percebeu preconceito (atitudes negativas sobre uma pessoa) e/ou discriminação (tratamento que inferioriza e exclui pessoas) sobre seu cabelo cacheado, crespo, black power, trançado etc.

9. Este espaço é para que você, caso queira, relate situações onde você percebeu sua beleza a partir do seu corpo, cabelo, roupas, acessórios.

10. Você conhece e/ou estuda ou já estudou sobre personalidades, cientistas, *escritores(as) negras durante o percurso do Ensino Fundamental e Ensino Médio?

Marcar apenas um oval.

() SIM

() NÃO

11. Quais personalidades, cientistas e escritores(as) negras você conheceu a partir da sua formação educacional (Escola, Universidade etc):

12. Quais as principais referências negras brasileiras presentes na sua vida? (influenciadores(as) digitais, cantores(as), cientistas, políticos(as) etc).

13. Quais ritmos musicais você considera afro-brasileiros e/ou negros? *

14. Quais instrumentos abaixo colocados você conhece? *

Marque todas que se aplicam.

- atabaque
- berimbau
- reco-reco
- agogô
- afoxé
- kalimba
- mbira
- Nenhum dos instrumentos acima.

15. Dentre as personalidades musicais abaixo quais delas fazem parte dos artistas que você ouve:

Marque todas que se aplicam.

- Rihanna
- Iza
- Mano Brown (Racionais Mcs)
- Djonga
- Gilberto Gil
- Karol Konká
- Nenhuma das referências acima

16. Este espaço deve ser utilizado para você colocar, caso tenha, alguma outra personalidade musical afro-brasileira e/ou negra que seja referência para você e que você ouve.

17. Você conhece alguma religião afro-brasileira? *

Marcar apenas um oval.

() SIM

() NÃO

18. Caso conheça algo sobre as religiões afro-brasileiras nos informe abaixo. (Você pode descrever quais você conhece e se conhece algum afro-religioso)

19. No seu dia a dia você percebe situações de racismo (forma de preconceito e discriminação baseada na cor da pele, origem racial, estética e cultura afro-brasileira e direcionada às populações negras - pretos e pardos no Brasil)?

Marcar apenas um oval.

() SIM

() NÃO

ANEXO B - APRESENTAÇÃO DO PROJETO PARA A COMUNIDADE ESCOLAR, CREDE²³ E SEDUC²⁴.



FORMULÁRIO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA



OFICINA REALIZADA

²³ Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação.

²⁴ Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

OFICINA: VALORIZAÇÃO DA ESTÉTICA NEGRA A PARTIR DA FOTOGRAFIA



ANEXO C - INSTAGRAM DO PROJETO

